



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ANDRESSA BEZERRA CIRQUEIRA FREITAS

**OS ANGLICISMOS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE TRABALHO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL A
PARTIR DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS**

ARAGUAÍNA-TO
2020

ANDRESSA BEZERRA CIRQUEIRA FREITAS

**OS ANGLICISMOS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE TRABALHO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL A
PARTIR DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa Mestrado Profissional em Letras – Profletras da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientador(a): Dra. Ana Claudia Castiglioni

Araguaína-TO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F866a Freitas, Andressa Bezerra Cirqueira.

Os anglicismos em sala de aula: uma proposta de trabalho para o ensino fundamental a partir de gêneros jornalísticos. / Andressa Bezerra Cirqueira Freitas. – Araguaína, TO, 2020.

124 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.

Orientadora : Ana Claudia Castiglioni

1. Ensino de vocabulário. 2. Uso de dicionário nas aulas de Língua Portuguesa. 3. Estudo de anglicismos. 4. Expansão do léxico nas aulas de Língua Portuguesa. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRESSA BEZERRA CIRQUEIRA FREITAS

OS ANGLICISMOS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Dissertação apresentada ao Programa Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 13 / 03 / 2020

Banca Examinadora



Profª. Dra. Ana Claudia Castiglioni – UFT (orientadora)



Prof. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel – UEMS



Prof. Dr. João de Deus Leite - UFT

Araguaína-TO

2020

*Ao meu esposo, Brunno, meu amor, melhor
amigo, companheiro de vida.*

*Aos meus pais, Neto e Célia, e irmão, Esdras,
pelo amor incondicional e apoio em todos os
momentos.*

*Educação é isto: o processo pelo qual os
nossos corpos vão ficando iguais às palavras
que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as
palavras que os outros plantaram em mim.
(Rubem Alves)*

AGRADECIMENTOS

Concluir esta etapa é um sonho antigo. Agradeço a Deus pela oportunidade de estudar, de romper barreiras e de crescer como profissional, como ser humano. Toda a minha gratidão a Ele, que reina e vive em mim.

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial:

À minha querida orientadora, Ana Claudia, por ser meu braço direito na elaboração deste trabalho, passando-me segurança até mesmo quando estava de licença-maternidade. Obrigada por toda a paciência, a compreensão e por todo o conhecimento compartilhado. Não há como mensurar o quanto aprendi nesses quase dois anos.

Ao meu esposo, amor da minha vida, sempre compreensivo e amigo, que acredita em mim mais que eu mesma. Esta conquista também é sua.

Aos meus pais amados, que me ensinaram o valor que tem a educação. Minha mãe, que abriu mão da carreira em prol da família, e meu pai, que trabalhou a vida inteira para nos dar o melhor, são meu alicerce, meu exemplo, sem os quais eu jamais teria conseguido chegar até aqui.

Ao meu irmão, que, com o seu jeito tímido, deu-me força, quando precisei; sempre amigo e companheiro, que vibra com as minhas conquistas como se fossem as suas.

Aos professores João de Deus e Ana Paula, por aceitarem fazer parte desta banca e por contribuírem com o meu crescimento profissional.

Aos meus queridos professores do Profletras, que mudaram tanta coisa em mim e por quem tenho enorme admiração. Jamais me esquecerei dos seus ensinamentos.

À turma do Profletras 2018, minhas queridas colegas de aula, que tornaram esses dois anos mais leves e divertidos.

Ao Joás, pela elaboração da arte do Glossário.

À Viviana, Adriana, Cristina e todos os meus queridos ex-colegas do Colégio Silvandira, pelo apoio nas semanas de aula, nas quais fiquei ausente. Nunca vou esquecer tudo o que fizeram por mim.

À Luzia, Wanda, Tyda, Marli, Rosa, Kellyane, Romilda e toda a equipe pedagógica do Colégio Archângela Milhomem, bem como os meus amados colegas professores, companheiros de labuta, pela compreensão nas minhas ausências, pelo apoio desmedido, pela ajuda nas mais diversas situações. Nos mínimos detalhes, nas conversas bobas, nos lanches maravilhosos, nas trocas de aulas, nesses momentos, muitos deles em que estive cheia de ansiedade e de medo, fui abraçada e confortada, sem nem perceberem. Sou muito grata.

À Leidiane, amiga e colega de aula, por me ajudar muito durante a realização desta pesquisa com o seu otimismo e seus bons conselhos, por compartilhar suas experiências, medos, vitórias.

À Universidade Federal do Tocantins, por todo o conhecimento adquirido, pelos professores incríveis, pelas experiências inesquecíveis.

A todos que vibraram com esta conquista, que se preocuparam, ajudaram e sonharam comigo. Muito obrigada.

RESUMO

A expansão do léxico é um processo natural, visto que a língua está em constante mudança e novas criações surgem e se adaptam à realidade do falante. Novas unidades léxicas têm sido introduzidas à Língua Portuguesa ao longo dos anos, dentre elas os anglicismos, palavras advindas da língua inglesa, que são comuns em nosso país. Considerando que essa recorrência alcança os gêneros textuais abordados na escola, buscamos elaborar, aplicar e analisar uma proposta de trabalho com anglicismos, tendo como foco principal o trabalho com os gêneros textuais jornalísticos e o uso do dicionário em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Além disso, a presente pesquisa busca apresentar as razões de a ocorrência dos estrangeirismos em língua inglesa ser maior do que em outras línguas, apontando se são econômicas, sociais, culturais. A escolha da esfera jornalística se deu devido ao fato de este estar sempre atualizado, compartilhando informações recentes e, naturalmente, essa característica se refletir na linguagem empregada. O método de pesquisa que embasa este trabalho é qualitativo e interventivo e procurará esboçar algumas respostas, que não são definitivas, mas podem ajudar a reconstruir a mediação do docente no estudo dos estrangeirismos em sala de aula, auxiliando, assim, no processo de ensino e de aprendizagem, além de desconstruir paradigmas quanto ao uso do dicionário no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Léxico; anglicismos; ensino.

ABSTRACT

The expansion of the lexicon is a natural process, since the language is constantly changing and new creations appear and adapt to the speaker's reality. New lexical units have been introduced to the Portuguese language over the years, including anglicisms, words from the English language, which are common in our country. Considering that this recurrence reaches the textual genres approached at school, we seek to elaborate, apply and analyze a work proposal with anglicisms having as main focus the work with the journalistic textual genres and the use of the dictionary in a 9th grade class of Elementary School . In addition, this research seeks to present the reasons for the occurrence of foreigners in English being greater than in other languages, pointing out whether they are economic, social, cultural. The choice of the journalistic medium was due to the fact that it is always up to date, sharing recent information and, naturally, this characteristic is reflected in the language used. The research method that supports this work is qualitative and interventional and will try to outline some answers, which are not definitive, but can help to reconstruct the mediation of the teacher in the study of foreign words in the classroom, thus helping in the teaching and learning process, in addition to deconstructing paradigms regarding the use of the dictionary in school life.

Key-words: lexicon; anglicisms; teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do local da pesquisa	37
Figura 2 – Esquema da sequência didática	41
Figura 3 – Anglicismo “One beauty”	47
Figura 4 – Anglicismo “sale”	48
Figura 5 – Anglicismo “shop”.	48
Figura 6 – Anglicismo “fitness”	49
Figura 7 – Anglicismo “studio”	49
Figura 8 – Anglicismo “at play”	50
Figura 9 – Anglicismo “big brother”	50
Figura 10 – Anglicismo “welcome”	50
Figura 11 – Anglicismo “loser”	51
Figura 12 – Imagem (Alunos realizando a produção inicial)	79
Figura 13 – Imagem (Mural de Anglicismos)	79
Figura 14 – Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem.....	81
Figura 15 - Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem.....	81
Figura 16 - Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem.....	82
Figura 17 – Atividade “Entrevista: o que você sabe sobre as redes sociais?”	85
Figura 18 – Atividade “Entrevista: o que você sabe sobre as redes sociais?”	86
Figura 19 – Atividade “Encontrando verbetes no dicionário”	91
Figura 20 – Atividade “Encontrando verbetes no dicionário”	91
Figura 21 – Atividade “Encontrando verbetes”	95
Figura 22 – Atividade “Encontrando verbetes”	95
Figura 23 – Atividade “Encontrando verbetes”	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Desafio #10yearschallenge.....	76
Gráfico 2 - Redes sociais utilizadas pelos alunos pesquisados.....	77
Gráfico 3 – Palavras destacadas como anglicismos no texto.....	80
Gráfico 4 – Anglicismos que podem ser adaptados à Língua Portuguesa	82
Gráfico 5 – Postagens nos stories ou no feed.....	87
Gráfico 6 – Encontrando verbetes.....	94
Gráfico 7 – Encontrando verbetes – origem e exemplo.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bens de consumo.....	71
Tabela 2 – Participação da família na vida escolar dos alunos	72
Tabela 3 – Frequência de leitura.....	72
Tabela 4 – Respostas do Caça-palavras dos empréstimos linguísticos.....	84
Tabela 5 – Resultado da atividade “Encontre alguém que...”	88
Tabela 6 - O que são as entradas no dicionário.....	90
Tabela 7 - Pesquisa de anglicismos no dicionário.....	92
Tabela 8 - Anglicismos encontrados nos dicionários.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Profletras	Programa de Mestrado Profissional em Letras
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - Lexicologia	21
1.1	Léxico e Unidade Léxica.....	21
1.2	Empréstimos e Estrangeirismos	26
1.2.1	A influência da Língua Inglesa no Brasil.....	29
1.3	Ensino do vocabulário	31
1.3.1	O uso do dicionário em sala de aula.....	32
2	CAPÍTULO II: METODOLOGIA.....	34
2.1	A pesquisadora.....	36
2.2	A escola pesquisada.....	36
2.3	Os alunos participantes.....	38
2.4	Como se deu a escolha dos textos e a elaboração das atividades.....	38
3	CAPÍTULO III: AMPLIAÇÃO DO LÉXICO: EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	40
3.1	Aula 1 – Apresentação da situação.....	41
3.2	Aula 2 – Produção inicial: Elaboração do Mural de Anglicismos.....	44
3.3	Aula 3 - Módulo 1 – Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem	45
3.4	Aula 4. Módulo 1 – Análise de propagandas e anúncios publicitários....	47
3.5	Aula 5. Módulo 1 – Caça-palavras dos empréstimos linguísticos.....	51
3.6	Aula 6. Módulo 2 - Atividade “Entrevista: o que você sabe sobre as redes sociais?”.....	52
3.7	Aula 7. Módulo 2 – Atividade “Encontre alguém que...”.....	56
3.8	Aula 8. Módulo 2. “Investigando o funcionamento do dicionário”.....	57
3.9	Aula 9. Módulo 2 – Atividade “Encontrando entradas no dicionário”	60
3.10	Aula 10. Módulo n – Atividade “Anglicismos no dicionário de Língua Portuguesa”	61

3.11	Aula 11. Módulo n – Atividade “Encontrando verbetes”	62
4	CAPÍTULO IV: ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	70
4.1	Perfil socioeconômico da turma.....	71
4.2	A receptividade dos alunos.....	73
4.3	O primeiro contato dos alunos com os textos propostos.....	74
4.4	A produtividade das atividades propostas para a aprendizagem dos anglicismos.....	78
4.5	Os dicionários e a abordagem aos anglicismos.....	98
5	CAPÍTULO V: PRODUÇÃO FINAL: O GLOSSÁRIO	100
	Considerações finais.....	117
	Referências bibliográficas.....	119
	Apêndice: Questionário socioeconômico.....	122

INTRODUÇÃO

A palavra, objeto de estudo das Ciências do léxico, bem como desta pesquisa, é capaz de transformar toda uma sociedade. Seu poder vai além da intermediação da comunicação; é capaz de levar o ser humano à ascensão social, a uma nova visão de mundo, a uma realidade diferente da qual está inserido, abre um leque de possibilidades.

O léxico é o acervo de palavras de uma língua, do ponto de vista externo, de um repertório construído por uma comunidade. Quando se trata do ponto de vista interno ou mental, como denomina Basílio (2004, p. 10), o léxico corresponde não apenas às palavras que um falante conhece, mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou a produção de novas formas. Antunes (2012, p. 27) acrescenta que, numa definição mais geral, o léxico pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação.

Entendemos que o estudo do léxico nas aulas de Língua Portuguesa é fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos; um dos instrumentos mais relevantes para esse estudo é o Dicionário, que, como Rey-Debove (1984, p. 63) afirma, é um dos objetos culturais mais usuais e mais mal conhecidos. Por esse motivo, decidimos priorizá-lo, nesta pesquisa, com vistas à ampliação do vocabulário dos alunos, além de ensinar os alunos a manuseá-lo.

A expansão do léxico é um processo natural, visto que a língua está em constante mudança; novas criações surgem e se adaptam à realidade do falante. Como explica Antunes (2012, p. 29), o léxico é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas também pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem. Enquanto palavras são criadas, outras entram em desuso e, assim, a língua se renova, processo esse que a torna ainda mais dinâmica.

Nesse sentido é que surgem os estrangeirismos, contribuindo para a expansão lexical dos falantes, que podem ser inseridos no léxico de uma língua, tornando-se empréstimos. Como apresenta Carvalho (2009, p. 14), a ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem, como um determinante, fins culturais, estéticos e funcionais.

A Língua Portuguesa, oriunda do latim, vem sendo enriquecida com essas unidades léxicas, que também fazem parte do ambiente escolar. Em virtude desse enriquecimento,

buscamos em textos jornalísticos palavras originadas da Língua Inglesa, idioma muito presente no cotidiano dos brasileiros, talvez por modismo ou devido à dependência econômica do Brasil em relação à meca do capitalismo monopolista (Alves, 2004, p.74, *apud* E, 17-01-89, cad.2:14, c.1). No mundo, são cerca de 360 milhões de falantes nativos¹, mas, quando consideramos também aqueles que falam inglês como segunda língua, o número ultrapassa 800 milhões de falantes.

Como explica Alves (2004, p. 73-75), o estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos – esportes, economia, informática... – como também em outros tipos de linguagens especiais: na linguagem publicitária de jornais e de revistas e colunismo social. De acordo com a autora, contemporaneamente, é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico. Como a autora exemplifica, o vocabulário esportivo das corridas automobilísticas de Fórmula I também recebe vários anglicismos, como “pole-position”, “a primeira posição”. Podemos observar a presença de expressões como esta em textos jornalísticos, tendo em vista que neles são apresentados, além de notícias, de reportagens e de anúncios sobre assuntos diversos, textos voltados aos esportes.

Mesmo sabendo dessa influência, procuramos questionar, nesta pesquisa, a relevância que esses vocábulos têm na vida dos alunos da rede pública de ensino ou, mais precisamente, em seu vocabulário. Por isso, desenvolvemos atividades voltadas para a leitura e a escrita dos anglicismos, bem como para a análise da presença ou da ausência desses termos no dicionário, que serão baseadas em textos de gêneros jornalísticos; todos voltados para as redes sociais, em que há grande recorrência desse tipo de vocábulo.

O tema desta dissertação surgiu a partir de alguns questionamentos, como quais são as razões das ocorrências dos anglicismos em textos jornalísticos?, ou até que ponto esses anglicismos estão fazendo parte da Língua Portuguesa?. Além dessas questões, outros dois aspectos do ensino nos motivaram a pesquisar a temática: possíveis dificuldades do professor de Língua Portuguesa no ensino de textos com presença de estrangeirismos e as dificuldades que os alunos de ensino fundamental têm na utilização do dicionário de Língua Portuguesa. Em relação a esses aspectos, Antunes (2012, p. 42,43) explica que, em geral, a análise que se faz das palavras de um texto, na maioria das atividades escolares, recai sobre os significados dessas palavras, sem se atender aos ‘efeitos’ que foram pensados para o seu uso. Assim, os

¹ Escola Speed Up. Por que o inglês é uma das línguas mais faladas do mundo? Disponível em <https://www.speedup18meses.com.br/conteudo/por-que-o-ingles-e-uma-das-linguas-mais-faladas-do-mundo/> Acesso em 04/02/2020

dicionários são utilizados apenas para o sentido isolado de uma palavra, e não para a análise de seus possíveis contextos. Essas questões nos motivaram a desenvolver esta pesquisa e, devido ao uso constante dos anglicismos na internet, que é muito utilizada por adolescentes e jovens, escolhemos textos jornalísticos que tratassem do assunto “redes sociais”.

O objetivo principal que pretendemos alcançar com esta pesquisa é desenvolver uma proposta de trabalho com anglicismos para ser aplicada em uma sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa. Temos como objetivos específicos: analisar quais são os anglicismos que fazem parte (ou não) do vocabulário dos alunos da série escolhida; entender por que há mais anglicismos no português brasileiro em relação a outros tipos de estrangeirismos; selecionar os gêneros jornalísticos que apresentem anglicismos em seus conteúdos, de modo a ilustrar para os alunos o funcionamento desse tipo de unidade léxica em um contexto; organizar a proposta de trabalho com esses gêneros, considerando o grau de dificuldade linguística e discursiva dos textos, obedecendo a uma sequência didática que priorize, respectivamente, a leitura, a interpretação (em nível textual e discursivo) e a análise linguística; analisar a produtividade da proposta e elaborar um glossário ilustrado de anglicismos, a fim de que este seja um instrumento para o ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa.

A presença de estrangeirismos na Língua Portuguesa enriquece ainda mais o léxico; apesar desse enriquecimento, o acesso às definições dessas expressões pode não ser democrático em todo o país. Na era da internet, na qual se valoriza muito as redes sociais, ainda há dificuldades no estudo de anglicismos, alguns ainda não dicionarizados por serem recentes, outros por serem adaptados à língua, como empréstimos. Além disso, os dicionários são utilizados de forma limitada; os verbetes são um instrumento importante no ensino do léxico, bem como nos processos de leitura e de produção textual.

No âmbito deste contexto, este trabalho busca contribuir para o ensino de vocabulário nas aulas de Língua Portuguesa, para que os professores e os alunos, tanto da escola em questão como também os que tiverem acesso à pesquisa, possam ter um instrumento eficaz e de qualidade no estudo dos anglicismos, tão presentes no falar dos alunos, a fim de promover, sobretudo, o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A priori, foram lidos os textos jornalísticos selecionados; essa etapa é imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa, pois é a partir da leitura que os alunos, além de compreenderem as características dos gêneros, terão familiaridade com os anglicismos que serão analisados posteriormente. As atividades que foram trabalhadas após a leitura estavam relacionadas ao estudo dos anglicismos, palavras que são originadas da língua inglesa.

Utilizamos dicionários, inclusive de anglicismos. Por fim, foi elaborado um Glossário Ilustrado de Anglicismos, cujo objetivo é auxiliar professor e aluno nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. O glossário é a produção final da proposta didática e é considerado por nós como um protótipo de instrumento didático, que, em pesquisas futuras, poderá ser ampliado e poderá somar aos dicionários disponibilizados na escola.

A pesquisa está organizada em três capítulos correlacionados. O Capítulo I apresenta a Fundamentação Teórica, na qual a Lexicologia é discutida nos seguintes subtópicos: Léxico e unidade léxica, Empréstimos e Estrangeirismos, A influência da Língua Inglesa no Brasil, Ensino do vocabulário e o Uso do dicionário em sala de aula.

No Capítulo II, descrevemos os critérios para o desenvolvimento da pesquisa, assim como informações sobre a pesquisadora, a escola pesquisada e os alunos participantes.

O capítulo III apresenta a sequência didática proposta e os textos que serviram de base para a realização das atividades.

O Capítulo IV apresenta a análise da aplicação da sequência didática proposta, as tabelas e os gráficos correspondentes aos resultados das atividades aplicadas.

No Capítulo V, descrevemos os critérios para a elaboração do Glossário, bem como a sua apresentação. Posteriormente, apresentamos as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Léxico e unidade léxica

Mais que um recurso para estabelecer a comunicação, a língua é um fenômeno social. É por meio dela que os pensamentos, os desejos e as necessidades dos falantes tornam-se conhecidos perante a sociedade, auxiliando-nos, assim, a interpretar a realidade na qual estamos inseridos e a perceber o mundo a nossa volta. Conforme o pensamento de Ferdinand de Saussure (1916), a língua como parte social da linguagem é constituída de signos que se combinam, de acordo com leis específicas. Se a fala é individual, a língua é social, e, para que a fala se socialize, é necessário obedecer a regras sociais de acordo com os códigos estabelecidos.

Cada língua manifesta uma realidade social e expressa em seu léxico e gramática a sua tradução de mundo. Tal hipótese, defendida por Sapir (1969), mostra-nos que o sistema linguístico está diretamente relacionado ao contexto; mais que isso, toda a nossa vida é pré-moldada por esse sistema que nos dá, além da comunicação, a capacidade de interpretar o real. A partir do estudo do léxico de uma língua, podemos explicar toda a vida de uma sociedade.

Dentre as ciências da Linguística que abordam o léxico se destacam a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Onomástica. A Lexicologia, base principal da nossa pesquisa, é a ciência que estuda o léxico geral da língua em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais.

Para Biderman (2001, p. 179), qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura por meio das idades. Podemos afirmar, portanto, que o léxico tem um papel imprescindível no funcionamento da língua, bem como nos estudos da linguagem. Nesse sentido, Abbade (2008, n.p) explica que “estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza”, uma vez que o falante da língua é parte de uma sociedade dinâmica e a construção do léxico é feita durante toda a sua existência. O nível lexical de um indivíduo é reflexo da sua vivência, do conhecimento adquirido ao longo do tempo, dos seus

relacionamentos e experiências. Como Dargel (2011, p.27) explica, não há como estudarmos todos os passos da construção da competência lexical de alguém, uma vez que o aprendizado do léxico se produz durante toda a vida de uma pessoa. Além disso, mesmo se fizermos parte da mesma comunidade linguística, não teremos os mesmos conhecimentos linguísticos, visto que cada falante possui uma realidade diferente e, portanto, um repertório linguístico próprio.

Segundo Rey-Debove (1984, p. 52), o léxico é um conjunto de unidades codificadas significativas, ou signos. Podemos dizer que é o nosso banco de dados ou, como Basílio (2004, p.9) denomina, uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados.

Para Genouvrier e Peytard (1974, p.279), o Léxico é o conjunto de todas as palavras que, num momento dado, estão à disposição do locutor. São as palavras que ele pode, oportunamente, empregar e compreender, são o seu léxico individual. Há também o léxico geral ou global, que os autores definem como uma soma considerável de palavras de que toda a sociedade dispõe; o léxico individual é uma parte estruturada desse léxico.

Biderman (2001, p. 180-181) salienta que:

No processo de aquisição da linguagem o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo. A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e de categorização da experiência, através de signos linguísticos: os lexemas. A percepção, a concepção e a interpretação dessa Realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 180,181)

Nessa ótica, podemos compreender que o Léxico de uma língua está diretamente relacionado à história e à cultura de um grupo, e ambos passam por constantes mudanças. Biderman (2001, p. 179) acrescenta que essas mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso ou vir a desaparecer.

Em relação à formação do léxico, Biderman (1996, p. 33) ressalta que é constituído por todos os elementos lexicais da língua: os lexemas de valor lexical (as palavras plenas) e os lexemas de valor gramatical (as palavras gramaticais, vocábulos-morfema), que alguns linguistas chamariam de gramemas, adotando a terminologia pottieriana, conforme a autora supramencionada.

A diferença entre léxico e gramática também deve ser destacada. Um conceito discutido por Genouvrier e Peytard (1974, p. 293) é o de que léxico seria o conjunto das

palavras e de suas definições, e a gramática o conjunto das regras e das exceções que prescrevem ao locutor as combinações a que se sujeitam as palavras, ou seja, de um lado seria o sentido, do outro as relações. O que os autores questionam são as nomenclaturas, as chamadas palavras gramaticais (preposições, conjunções, etc) e palavras lexicais (portadoras de sentido), mesmo porque as primeiras, que já foram chamadas até de palavras vazias, não só têm sentido como também podem modificar o sentido de outras palavras. Os artigos definidos e indefinidos, por exemplo, podem mudar o sentido de uma frase; logo, têm sentido. A partir disso, os autores afirmam que o gramatical representa, num enunciado, o padrão que o estrutura, ao passo que o lexical fornece as palavras suscetíveis de inserção nos espaços indicados pelo gramatical.

Genouvrier e Peytard (1974, p. 297) acrescentam que:

Os elementos lexicais pertencem a conjuntos amplos; os elementos gramaticais a conjuntos limitados. Os linguistas definem então lexical como um conjunto de séries abertas, o gramatical como um conjunto de séries fechadas: o léxico de uma língua é o lugar das mais amplas variações, já que certas palavras caem em desuso quando outras são criadas conforme as necessidades da denominação (isto é, segundo as necessidades sócio-culturais do meio); a gramática de uma língua modifica-se muito mais lentamente; seus elementos constitutivos são relativamente estáveis: o número dos pronomes pessoais, dos artigos, dos possessivos já não é variável, e parece não precisar modificar-se por muito tempo. (GENOUVRIER; PEYTARD, 1974, p. 297)

As unidades do léxico são encontradas a partir da segmentação do discurso. São chamadas lexemas, definidas por Cruse (2001, p. 2), como as unidades listadas num dicionário. Para o autor, um dicionário fornece uma lista de lexemas de uma língua, e cada lexema é indexado por uma de suas palavras estruturais. Para Biderman (2001, p. 158), o conhecimento da unidade léxica resulta da conjugação dos vários níveis da análise – fonológico, morfossintático e semântico.

Aguiar (2010, p. 49) afirma que o termo significado lexical se remete ao significado dos lexemas. Para a autora, o lexema é a palavra considerada como unidade abstrata, que tem significado lexical e pode apresentar variações, caso se inclua entre as palavras variáveis. Lexemas são, portanto, as unidades do léxico, palavras – ou parte da palavra – que tem significado.

De acordo com Aguiar (2010, p. 49), em um estudo lexicológico, observamos que todos os lexemas são palavras, ou seja, lexemas cuja forma é vocabular. A autora afirma que muitos são lexemas sintagmáticos e que estes, em geral, são ou gramaticalmente ou semanticamente idiomáticos, ou ambos: isto é, sua distribuição nas sentenças ou seu

significado é imprevisível a partir das propriedades sintáticas e semânticas de seus constituintes.

Conforme Biderman (1996, p. 32-33), a unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas que compõem um paradigma é denominada lexema/lema. Lema é também a entrada canônica nos dicionários da língua em questão. De acordo com a autora, o uso desses termos técnicos eliminaria as ambiguidades, indesejáveis para a ciência. Para ela, o termo *lexia*, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por ser um termo técnico e não correr o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar a ambiguidade encontrada em palavra e/ou em vocábulo. Dessa forma, no plano da língua, o termo *lexema* refere-se à unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*.

Dessa forma, entendemos que léxico é o acervo de *lexemas*, os quais podem se manifestar na língua de diversas formas, constituindo, assim, as *lexias*. Estas, em acervo, formam o vocabulário, que é o conjunto de palavras de uma língua.

Biderman (1996, p. 33) explica que se registram dois tipos de unidades: *lexias* simples e *lexias* complexas. A autora exemplifica como *lexias* simples: escola, meio, hora, esperar, fazer, esse, ali, alguém, dentre outros; e *lexias* complexas: fim de semana, sala de jantar, dona de casa, além de, de repente, pouco a pouco, de pé, para com, fora de mão. Logo, *lexias* complexas são aquelas unidades lexicais que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, mesmo que correspondam a um único referente no plano da língua.

Muito se discute a respeito da definição de léxico e de vocabulário. Aquele, já definido anteriormente, é ampliado continuamente, devido às experiências vivenciadas pelo indivíduo. Vilela (1997, p. 31) afirma que o vocabulário é uma subdivisão do léxico, como, por exemplo, o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, dentre outros. O autor ressalta que, ao distinguir-se vocabulário e léxico, não se trata tanto de uma diferenciação entre “parte” e “todo”, uma vez que o léxico é o conjunto das palavras fundamentais e ideais de uma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes em um determinado lugar e tempo, os quais são ocupados por uma comunidade linguística. Portanto, o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, individual, o acessório.

Aguiar (2010, p. 45,46) acrescenta que o vocabulário de um texto, de um enunciado qualquer é, desde então, apenas uma amostra do léxico do locutor, ou, conforme a perspectiva adotada, do léxico da comunidade linguística considerada. Biderman (1996, p. 32) ressalta que léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das

realizações discursivas dessas mesmas unidades. O termo léxico é, portanto, reservado à língua, o termo vocabulário ao discurso.

Vilela (1997, p. 32) esclarece também a diferença entre vocábulo, termo, lexema e palavra. Para o autor, vocábulo é a palavra que ocorre na frase, o termo é a palavra própria de uma disciplina, e a palavra ou o lexema é a palavra que aparece como entrada do dicionário. Para Biderman (1996, p. 32), melhor seria usar indiferenciadamente as palavras vocábulo e palavra para as realizações discursivas, continuando a longa tradição do português, lembrando a imprecisão desses termos e respeitando a sinonímia implícita na mente dos falantes do idioma, no que diz respeito a essas palavras.

Para Dargel (2011, p. 31), o léxico individual de uma pessoa é constituído pelo vocabulário ativo e vocabulário passivo:

O vocabulário ativo é aquele composto por palavras da língua que são usadas constantemente pelo indivíduo de uma comunidade linguística, tanto na escrita como na fala; é o seu vocabulário em uso. O vocabulário passivo é composto por palavras que esse indivíduo pode conhecer. Isso significa que ele compreende a palavra, mas essa palavra não é utilizada, constantemente, por ele no ato de escrever ou no de falar. (DARGEL, 2011, p. 31)

Nessa ótica, podemos perceber que o léxico global e individual do falante de uma língua está em constante mudança, tendo em vista que novas palavras surgem a todo instante, novas experiências, objetos e outros fatores que influenciam diretamente a vida das pessoas. A partir do léxico podemos analisar os mais diversos aspectos da comunidade linguística, sua cultura, ações e características. Como Biderman (2001, p. 203) salienta, o léxico é um sistema aberto e em expansão e só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte de uma língua.

Essa expansão da língua também se dá por empréstimos e por estrangeirismos, os quais enriquecem ainda mais o léxico.

1.2. Empréstimos e estrangeirismos

O acervo lexical de uma língua está sempre se renovando, o que é resultado das necessidades expressivas do falante. De acordo com as circunstâncias que lhe são apresentadas surgem novas palavras, as quais são adotadas por um número considerável de pessoas e acabam fazendo parte do léxico. É por meio da fala que podemos observar tais mudanças, visto que são comprovadas, quando adotadas por um grande número de indivíduos.

No Brasil, observamos que, ao utilizar palavras de outras línguas, especialmente anglicismos, o falante tem a ilusão de obter um certo prestígio social, adotando, assim, não só os vocábulos, mas fazendo parte de um grupo social. Destacamos aqui que o conhecimento a respeito desses termos independe do grau de escolaridade e de familiaridade com as regras gramaticais; estão relacionadas à vivência de cada indivíduo, daquilo que faz parte da sua realidade. Garcez e Zilles (2001, p. 32) explicam que o equívoco está, também, em supor que os estrangeirismos só seriam usados por quem conhece a língua de onde vieram, o que os autores consideram como “preconceito ou ingênua desinformação”.

Há diversos processos neológicos que têm como base a língua portuguesa, como descreve Alves (2004, p. 11-62): neologismos fonológicos, sintáticos, semânticos, conversão. Além destes, há os neologismos por empréstimo, os quais se manifestam em diferentes níveis. De acordo com Alves (2004, p. 72), numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo desta língua, denominado, então, estrangeirismo.

Essas novas palavras incorporadas designam com mais precisão aquilo que é novo, enriquecendo, assim, a língua. Não faziam parte do léxico, mas foram incluídas ao longo do tempo. Carvalho (2009, p. 39) afirma que a língua se move ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói em seu curso. Lentamente, todas as palavras, as locuções, os sons, os acentos e os elementos gramaticais vão mudando e causando alterações semânticas, as quais ampliam o léxico.

A ampliação do léxico é uma dessas mudanças, por meio da qual ocorrem a adoção e a adaptação de um termo. Como Carvalho (2009, p. 34-35) explica, toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resultam em dois processos: o de criação no âmbito da própria língua e o de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira. No primeiro,

há as inovações da língua por meio dos processos de derivação e de composição, além de outros responsáveis pela formação de palavras, como gírias, reduções e siglas.

No primeiro nível, chamado estrangeirismo, as palavras de línguas estrangeiras ainda não fazem parte do léxico da língua em questão – português. Tomando como exemplo a língua inglesa, muito utilizada por nós, brasileiros, temos “self-service”, “shopping center”, “site”, “pet shop” e outros vocábulos que já fazem parte do nosso cotidiano, mas não estão incorporadas ao léxico por muitas vezes não estarem dicionarizadas. Isso significa que, na língua portuguesa, ainda não há lexemas equivalentes a esses anglicismos, os quais ainda são falados em sua língua de origem.

Se analisarmos a questão na língua no Brasil, veremos que é mais que uma questão linguística. Faraco (2001, p. 39) afirma que, antes de tudo, é uma questão política, uma questão que interessa à pólis como um todo. Podemos lembrar, por exemplo, da ditadura de Getúlio Vargas, que teve como uma das metas a constituição do monolinguísmo². Apesar de não vivermos em uma ditadura hoje, ainda há muitos brasileiros que desejam que as línguas estrangeiras sejam abolidas do Brasil.

O uso de estrangeirismos no Brasil já resultou em polêmicos questionamentos, alguns deles se tornaram projetos de lei. Em 1996, o então deputado Jair Bolsonaro³ propôs que o uso de vocábulos estrangeiros na identificação de estabelecimentos comerciais, bem como nos anúncios e nos rótulos de mercadorias, fosse proibido. De acordo com o parlamentar, a lei adotaria “todas as precauções possíveis contra o processo de desvalorização da Língua Portuguesa”, tendo em vista que “é urgente descolonizar a língua.”.

Outro exemplo é o Projeto de Lei (PL) 156/2009, que foi aprovado pela Assembleia Legislativa, do Rio Grande do Sul, no dia 19 de abril de 2011. Seu redator, Raul Carrion, defende:

“obrigatoriedade da tradução de expressões ou palavras estrangeiras para a língua portuguesa, em todo documento, material informativo, propaganda, publicidade ou meio de comunicação através da palavra escrita no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, sempre que houver em nosso idioma palavra ou expressão equivalente”. (CARRION, Projeto de Lei (PL) 156/2009)

Uma das propostas que mais gerou discussões e debates entre os linguistas, que inclusive publicaram diversos textos sobre o assunto, foi a de Aldo Rabelo, o Projeto de Lei

² Política linguística do Estado Novo, na Era Vargas, implantada por meio do Decreto-Lei nº 406, de 04 de Maio de 1938.

³ BOLSONARO, Jair. Ementa: proíbe o uso de vocábulos estrangeiros nos casos que especifica. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=B870B0F69FFB41C0E12D67ED8D3BDB64.node1?codteor=1133712&filename=Avulso+-PL+1736/1996. Acesso em 16/08/19

nº 1676 de 1999. O deputado, que foi duramente criticado por grandes estudiosos da língua como Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco, justificou-se pelo fato de o povo brasileiro ter assistido a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos. Para o então deputado, essa descaracterização vinha ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não era exagero supor que estávamos na iminência de comprometer a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, principalmente do inglês.

As propostas para exclusão ou tradução de palavras estrangeiras, especialmente as que são usadas em anúncios publicitários, são justificadas pelos seus autores e defensores pelo fato de esses termos “sabotarem” o português e contribuírem para a desvalorização da língua portuguesa. Para muitos, os brasileiros ainda têm espírito de colonizado e dependem inclusive linguisticamente dos seus antigos colonizadores. Os parlamentares que propuseram essas mudanças também defendem a indiscutível riqueza vocabular do português, que possui palavras que representam esses termos em língua estrangeira. Já os que têm opinião contrária, acreditam que há um nacionalismo exacerbado, característica que nos remete ao patriota ímpar da literatura, Policarpo Quaresma.

O Código do Consumidor (CDC) possui um artigo a respeito:

Art. 31.A oferta e apresentação de produtos ou serviços devem assegurar informações corretas, claras, precisas, ostensivas e em língua portuguesa sobre suas características, qualidades, quantidade, composição, preço, garantia, prazos de validade e origem, entre outros dados, bem como sobre os riscos que apresentam à saúde e segurança dos consumidores. (Artigo da Lei nº 8.078 de 11 de Setembro de 1990)

Segundo Carvalho (2009, p. 34), a ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção, que é adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem, como um determinante, fins culturais, estéticos e funcionais. Por isso, é importante destacar que a adoção e a adaptação de uma unidade léxica de língua estrangeira é fruto da influência que outros países exercem sobre o falante, que vai muito além da linguagem. Tendências, comportamentos, política e outros fatores sociais estão implícitos, os quais persuadem e interferem diretamente na vida das pessoas e as fazem inclusive preferir outras culturas.

Essa influência tem gerado não só novas tendências, mas também a forma como o brasileiro se vê e vê os outros países. Os Estados Unidos, por exemplo, são enaltecidos e valorizados por uma parcela do povo brasileiro, por questões relacionadas ao acesso a bens de

consumo, divulgado pelo cinema e pela mídia, que ilustram o país como de poder financeiro, onde as pessoas podem comprar coisas por um preço baixo, cujo cenário é tido como deslumbrante, onde há muitas celebridades admiradas. Lugares como a Disney, como Hollywood, como Miami Beach, entre outros, ganham popularidade, também por causa do acesso às redes sociais. Constrói o imaginário de um mundo desejável, que naturalmente perpassa as escolhas lexicais dos falantes.

1.2.1. A influência da Língua Inglesa no Brasil

Mesmo após o fim do colonialismo, podemos observar a preponderância de alguns países em relação a outros. Como explica Jordão (2010, p. 428), o imperialismo cultural e econômico ainda exerce forte influência tanto sobre nações abertamente dominadas em termos políticos, econômicos e culturais, quanto sobre questões econômicas e culturais das nações do planeta como um todo.

A ascensão dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, bem como a sua hegemonia, trouxe grande força à língua inglesa em todo o mundo. Como afirma Santos (2006, p. 2), a expansão de uma língua e a sua aceitação sempre se devem à motivação ou a condições extralinguísticas, como o poder político, a supremacia econômica e tecnológica, a influência cultural, as tendências da moda, valores e, além disso, o estilo de vida e padrões de comportamento do povo que a fala.

É possível que, se visitarmos qualquer país, conseguiremos nos comunicar por meio da língua inglesa, tendo em vista que é uma língua internacional, usada em negócios, viagens, estudos e nos mais diversos meios de comunicação. Considerada uma língua majoritária, está presente nas escolas brasileiras desde o ensino infantil, além de fazer parte do nosso cotidiano por meio de músicas, de filmes, de seriados, dentre outros.

Para Santos (2006, p. 5), ninguém nega a quantidade enorme de anglicismos utilizados pelos falantes brasileiros, representados pelos termos inevitavelmente oriundos de uma língua do país de onde provém a maior parte dos avanços científicos e tecnológicos, além do universo de consumo, da indústria e do comércio, do vocabulário do entretenimento e de manifestações culturais correlatas. Como salienta o autor, não há, no Brasil, nenhuma área do conhecimento ou atividade humana em que atualmente o inglês não tenha se infiltrado. Santos (2006, p. 6) acrescenta que nesse ponto se vê como a disparidade de oportunidades influi no

acesso de apenas parte da sociedade aos produtos ou ao padrão de vida vinculados a muitos empréstimos.

A invenção da internet possibilitou às pessoas uma nova maneira de se relacionarem. Fontes (2002, p. 5) afirma que o meio digital tem muitas características diretamente ligadas aos processos de interação humana, que, dentro de uma visão sócio-histórica, devem ter uma profunda influência na forma como vêm a ocorrer os processos de aprendizagem em geral e de línguas em particular, no momento em que passam a utilizar esse meio. A língua inglesa, portanto, está presente em todas as redes sociais, “sites” e meios de comunicação digitais.

A todo momento temos novas informações sobre algo ou alguém pela televisão, jornais e revistas impressos, rádio e, principalmente, pela internet. Esta se tornou uma ferramenta indispensável, tanto que é usada para diversos fins, inclusive trabalho e estudo. Esse mecanismo facilitou a disseminação das notícias e das reportagens pelo mundo, que em questão de segundos são capazes de chegar aos mais longínquos lugares.

Os textos jornalísticos, em seus mais variados gêneros, têm características semelhantes, tendo em vista a sua função referencial. São textos objetivos, que procuram utilizar uma linguagem clara e simples, para que, assim, o acesso à informação seja democrático. Além disso, procuram priorizar a imparcialidade e a universalidade, para que, assim, sejam evitados juízos de valores, tornando os conteúdos compartilhados interessantes à população em geral. Com o avanço da tecnologia, as pessoas estão cada vez mais conectadas ao mundo virtual, tanto para receber essas informações como também para interagir por meio das redes sociais. Apesar disso, como afirmam Marcuschi e Xavier (2002, p. 14), o impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir como para devastar.

Como Medina (2001, p. 53) explica, os gêneros jornalísticos são determinados pelo modo de produção dos meios de comunicação de massa e por manifestações culturais de cada sociedade. O autor acrescenta que realizar uma classificação universal é praticamente uma tarefa impossível, uma vez que eles estão sempre em mudança, em transformação. O que acreditamos ser um gênero hoje amanhã não será mais ou o que pode ser um gênero em um determinado país não é em uma outra sociedade. Gêneros aparecem, mudam e desaparecem, de acordo com o desenvolvimento tecnológico e cultural de cada país e da empresa jornalística.

Ao analisarmos textos de diversos “sites” de notícias, podemos observar a presença de muitos estrangeirismos e, principalmente, de anglicismos; assim acontece também com as

reportagens, entrevistas e demais gêneros jornalísticos, visto que apresentam informações que fazem parte do cotidiano das pessoas. Assim como o léxico de uma língua, os gêneros jornalísticos se modificam constantemente e seguem os padrões linguísticos da massa. Sabemos que o uso ou desuso determina a inclusão ou a exclusão de uma palavra; da mesma forma os textos jornalísticos procuram seguir os conteúdos e as informações da atualidade.

Assim como em todos esses veículos de comunicação, os anglicismos também estão presentes em sala de aula, no ensino do vocabulário e no desenvolvimento de leitura e de escrita.

1.3. Ensino do vocabulário

Ensinar algo que já faz parte do cotidiano das pessoas é um grande desafio. A língua, especialmente na oralidade, é conhecida pelo falante desde a fase holofrástica, em que a criança começa a balbuciar as palavras para se comunicar. Essa inclusão da língua oral acontece naturalmente, o que nos leva a refletir os motivos de a inserção da língua escrita não ser um fato tão simples.

Genouvrier e Peytard (1974, p.17) explicam que o ensino do português é uma espécie de educação permanente, instalada na forma de todas as disciplinas. Tudo envolve a língua, inclusive as áreas que priorizam cálculos matemáticos ou estatísticos, ciências naturais ou química. Desse modo, podemos afirmar que ensinar a língua portuguesa abre caminhos para o ensino de todas as outras áreas do conhecimento e, como bem afirmam os autores, todas as disciplinas são ensino da língua portuguesa.

Ao entrar na escola, a criança aprende um novo vocabulário e em cada disciplina há palavras novas próprias da sua área do conhecimento. Além desse vocabulário aprendido em sala de aula, há aquele compartilhado pelos colegas durante o intervalo e ainda aquele que é utilizado em casa, com a família. Para Genouvrier e Peytard (1974, p.285), é o momento em que o aluno sente que a língua não é uniforme em seu léxico, porque cada ambiente ou interlocutor empregam um tipo especial de vocabulário.

A influência do meio, especialmente da família, interfere diretamente no processo de aquisição da língua, inclusive depois da escolarização. Como Genouvrier e Peytard (1974, p. 283-84) explicam:

O léxico do aluno dependerá, em grande parte, da capacidade de seu ambiente familiar em manter com ele discussões e diálogos, em orientar sua curiosidade para temas diversificados, em cercá-lo do que se convencionou chamar de <<clima cultural>>; é pelo multiplicar-se das trocas linguísticas com seu meio que o aluno aprende a precisar o sentido das palavras que emprega e estende a área de seu léxico. (...) O papel da escola será completar e compensar a <<cultura verbal>> recebida no ambiente familiar. (GENOUVRIER; PEYTARD, 1974, p. 283-284)

Tais afirmações nos levam a questionar o papel do professor diante dessa variedade vocabular. É um desafio ensinar algo que, na prática, o aluno já sabe, visto que desde os primeiros anos da infância tem contato com a oralidade, apesar de que a escola trabalha com a oralidade pública formal. Genouvrier e Peytard (1974, p.19) afirmam que enquanto o locutor conhece a sua língua apenas pelo uso oral, pode-se afirmar que não a conhece realmente. Em virtude disso, a língua precisa assumir um novo aspecto, o que ocorre quando ela se apresenta sob os traços da escrita.

A iniciação escolar é o aprendizado de um vocabulário e, segundo Genouvrier e Peytard (1974, p. 285), é, por isso, que uma das funções do professor consiste em explicar o sentido e o uso das terminologias técnicas encontradas e em fazer com que essas palavras, depois de memorizadas, sejam corretamente selecionadas em cada ato de vocabulário. O professor de Língua Portuguesa tem como função ensinar ao aluno uma manipulação precisa de seu léxico, ou seja, como utilizá-lo nas mais diversas situações e, de outro lado, evitar que esse léxico se altere.

O professor de português tem o papel de guiar os alunos em seus níveis de linguagem e contribuir para a sua formação lexical. A metodologia utilizada, de acordo com Genouvrier e Peytard (1974, p. 290), deve ter como motivação a análise de textos, tendo em vista que não é interessante apresentar ao aluno palavras soltas, fora de um contexto. A palavra só tem significação em uma frase, e esta, em um texto.

1.3.1. O uso do dicionário em sala de aula

Mesmo sendo um instrumento que possui grande potencial didático, o dicionário é utilizado de forma limitada nas aulas de Língua Portuguesa. Como destaca Krieger (2004/2005, p. 102), sua utilização está associada ao desenvolvimento de determinadas competências do aluno, destacando-se os exercícios com o léxico que incidem diretamente sobre os processos de leitura e de produção textual, embora favoreça também outros exercícios voltados a descrições linguísticas.

Infelizmente, os professores não são preparados para realizar um trabalho mais produtivo com os dicionários, tendo em vista a ausência nas universidades ou em formações continuadas dessa preparação, e estes ainda são objetos pouco explorados no ensino da língua materna. De acordo com Krieger (2004/2005, p. 103-104):

Em nosso meio, um dos reflexos negativos da ausência de um conhecimento docente mais aprofundado sobre as obras lexicográficas, está também no fato de que o aluno não é levado a compreender mais profundamente o significado de um dicionário, nem a dar-se conta de seu potencial informativo sobre a língua, nem tampouco a manejá-lo produtivamente. Em geral, a utilização deste tipo de obra limita-se ao domínio do manejo da ordem alfabética, a uma rápida olhada no conteúdo, a uma simples conferência sobre a existência ou não de alguma palavra ou sintagma e, em geral, à sua grafia. (KRIEGER, 2004/2005, p. 103,104)

Podemos observar que, em vez de avaliarem e escolherem as obras mais qualificadas para a prática docente, os professores de Língua Portuguesa acabam submetendo-se a questões como preço e tamanho do livro. Como afirma Krieger (2004/2005, p. 103), essa lógica comercial é muito forte nos tempos atuais, pois os dicionários são produtos de alta vendagem, e o público escolar é muito visado. Toda escola possui dicionários em sua biblioteca; estes, por sua vez, estão sendo produzidos cada vez mais de forma atrativa aos olhos dos professores e alunos, como os minidicionários e os dicionários ilustrados.

Além de não serem explorados os recursos que esse instrumento oferece, há a crença de que os dicionários são neutros, dotados de todo o saber, da verdade absoluta, sem diferenças ou marcas ideológicas. Krieger (2012, p. 170) explica que essas visões tradicionais dificultam as aproximações críticas aos dicionários, ao que se soma a ausência de parâmetros lexicográficos de natureza qualitativa. Para a autora, o componente qualidade, em geral, não é questionado por razões já referidas, mas também porque a sociedade julga que elaborar um dicionário não é algo complexo.

Para Rangel (2006, p. 24), fora ou dentro da escola, um dicionário pode prestar muitos e variados serviços, cada um deles associado a um determinado aspecto da descrição lexicográfica, ou seja, do conjunto de explicações que ele fornece sobre cada uma das palavras registradas. Além de tirar dúvidas sobre a escrita das palavras e seus significados, o dicionário pode desvendar relações de forma e de conteúdo entre palavras, como sinônimos e antônimos, além de indicar contextos, exemplos, funções gramaticais, valores sociais, o campo de conhecimento e outras informações relevantes sobre as entradas; tais informações são de grande valia nas aulas de Língua Portuguesa.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os nossos procedimentos metodológicos; inicialmente trataremos do tipo de pesquisa, da justificativa e dos objetivos, em seguida vamos expor brevemente o perfil da pesquisadora, a escola pesquisada, o perfil da turma escolhida para a aplicação da proposta que desenvolvemos e, por fim, os critérios para escolha dos textos e elaboração das atividades.

Um fator que teve relevância para o desenvolvimento da pesquisa foi a observação do uso recorrente de anglicismos em nossa sociedade. A influência dos estrangeirismos, especialmente das palavras em língua inglesa, é notória em nosso país. Na educação básica, a presença de textos cujos nomes estão escritos em inglês já faz parte do referencial curricular há alguns anos, como podemos observar no tópico de Língua Portuguesa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto, escrever *fanfics*, produzir e-zines, nos tornar um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades. Em tese, a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. (BRASIL, 2018)

Outro aspecto que motivou a realização desta pesquisa foi o fato de já utilizarmos o dicionário nas aulas de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa. Com a dupla habilitação, já realizamos diversas atividades, porém sentimos a necessidade de aprender de fato a manuseá-lo e, principalmente, ensinar os alunos a utilizá-lo como instrumento facilitador da aprendizagem.

O tema desta dissertação surgiu a partir de algumas dúvidas: a) quais são as razões das ocorrências dos anglicismos em textos jornalísticos? b) até que ponto esses anglicismos estão fazendo parte da Língua Portuguesa? c) quais são as dificuldades do professor de Língua

Portuguesa no ensino de estrangeirismos? d) eles estão presentes figurando como verbetes nos dicionários escolares? e) quais são as dificuldades que os alunos de ensino fundamental têm ao manusear o dicionário de Língua Portuguesa? f) que anglicismos fazem parte (ou não) do vocabulário dos alunos do 9º ano do ensino fundamental? Esses questionamentos nos motivaram a desenvolver esta pesquisa e, devido ao uso constante dos anglicismos na internet, que, por sua vez, costuma ser muito utilizada pelos alunos, escolhemos textos jornalísticos sobre as redes sociais.

A partir desses questionamentos, elencamos os seguintes objetivos: elaborar, aplicar e analisar uma proposta de trabalho com anglicismos em uma sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa; analisar quais são os anglicismos que fazem parte (ou não) do vocabulário dos alunos do 9º ano do ensino fundamental; entender por que há mais anglicismos no português brasileiro em relação a outros tipos de estrangeirismos; selecionar os gêneros jornalísticos que apresentem anglicismos em seus conteúdos, de modo a ilustrar para os alunos o funcionamento desse tipo de unidade léxico em um contexto; organizar a proposta de trabalho com esses gêneros, considerando o grau de dificuldade linguística e discursiva dos textos, obedecendo a uma sequência didática que priorize respectivamente a leitura, a interpretação (em nível textual e discursivo) e a análise linguística; analisar a produtividade da sequência didática proposta e elaborar um glossário ilustrado de anglicismos, a fim de que este seja um instrumento para o ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa. Ressaltamos que, apesar de termos produzido um gênero jornalístico, houve uma produção final, no caso, o glossário.

A escolha do meio jornalístico se deu devido a este estar sempre atualizado, compartilhando informações recentes e, naturalmente, essa característica se refletir na linguagem empregada, de modo que a probabilidade de encontrarmos anglicismos nos gêneros mencionados é maior se relacionada a gêneros menos atuais, como os literários ou científicos.

Nossa pesquisa se configura como qualitativa, de caráter interventivo, tendo em vista que é uma pesquisa-ação. Esta é caracterizada por utilizar técnicas e teorias de pesquisas consagradas para melhorar a prática docente e, conseqüentemente, o processo de ensino e de aprendizagem. Como explica Tripp (2005, p. 447), a pesquisa-ação tende a ser pragmática e requer ação tanto nas áreas de prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica.

2.1. A pesquisadora

Desde pequena sempre fomos apaixonadas pelas línguas estrangeiras, principalmente o inglês. Ao iniciar meus estudos no Centro Interescolar de Línguas, instituição vinculada à nossa escola no ensino médio, aprendemos praticamente tudo o que sabemos sobre a língua inglesa. O ingresso na universidade, o nosso primeiro emprego em uma escola de inglês e, em seguida, o início da carreira na educação básica como professora de português no Tocantins contribuíram para que nós quiséssemos nos aperfeiçoar ainda mais no ensino das duas línguas, que têm igual espaço em nosso coração. Como professora, nas aulas de português e de inglês, procuramos utilizar o dicionário como instrumento de ensino, o que nos motivou a inseri-lo nesta pesquisa.

2.2.A escola pesquisada

A escola é situada em uma pequena cidade do Tocantins, chamada Couto de Magalhães, que tem cerca de 5.000 habitantes. O município está à beira do rio Araguaia, entre Conceição do Araguaia – PA e Pequizeiro – TO, como apresenta a imagem; com a enchente de 1980, a escola acabou em ruínas e foi transferida para outro lugar, no centro comercial da cidade.

À noite funciona a EJA (Educação para Jovens e Adultos) composta por duas turmas referentes aos 1º e 2º anos do ensino médio. Os alunos, em sua maioria, são trabalhadores; alguns levam os filhos para a aula, porque não têm alguém para cuidar deles.

2.3. Os alunos participantes

A turma participante da pesquisa é composta por 22 alunos, entre 13 e 17 anos, os quais, em sua maioria, residem em assentamentos próximos à cidade. Alguns estão repetindo a série pela segunda e terceira vez; há muita dificuldade no processo de leitura e escrita. Nas aulas é possível observar que, além dos desvios gramaticais característicos de crianças que estão sendo alfabetizadas, há também certa dificuldade quanto à compreensão e interpretação de textos. Apesar disso, há muito interesse por parte da maioria da turma, que é solícita e disposta a realizar as atividades propostas. Mesmo com todos os percalços, como a dificuldade financeira, os problemas familiares e emocionais, os alunos são participativos.

Para compreendermos melhor como é a vida escolar e familiar dos alunos, elaboramos um questionário socioeconômico, tendo como base o questionário do MEC utilizado na prova do SAEB de 2018. Como um dos objetivos da pesquisa é organizar a proposta de trabalho com os gêneros jornalísticos, obedecendo a uma sequência didática que priorize a leitura, a interpretação (em nível textual e discursivo), a análise linguística, a produção de texto e, por fim, a reescrita, fizemos algumas adaptações, a fim de entendermos até que ponto as informações que mobilizamos anteriormente são verdadeiras, se a turma tem o hábito de ler, se os estudantes são incentivados pelos pais a estudarem em casa, dentre outros questionamentos.

2.4 Como se deu a escolha dos textos e a elaboração das atividades

Depois de escolher a temática e os gêneros com os quais trabalharíamos, partimos para a busca dos textos que seriam apresentados em sala. Recorremos à internet, pesquisando em sites de jornalismo conhecidos no país. Apesar da grande quantidade de textos encontrados, a maioria continha uma linguagem muito formal e técnica, o que dificultaria a compreensão dos

alunos. Após uma longa pesquisa, encontramos textos mais simples, mas que também tratavam da temática que procurávamos: as redes sociais.

A elaboração das atividades foi feita com base nos textos escolhidos, de forma lúdica e utilizando instrumentos diferentes, como o caça-palavras, que já era utilizado nas aulas de português para o ensino de gramática, *slides*, ilustrações e o dicionário, que também era utilizado, mas de forma limitada.

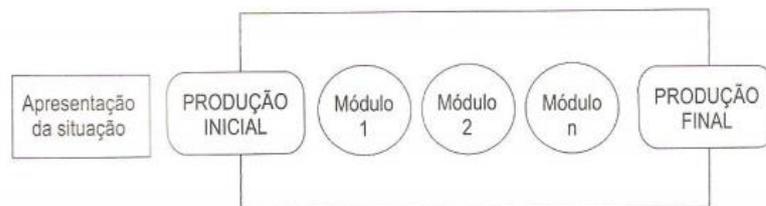
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AMPLIAÇÃO DO LÉXICO: EXERCÍCIOS COM VOCABULÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma proposta de atividades com anglicismos em uma turma de 9º ano de uma escola pública da rede estadual do Tocantins, situada em Couto de Magalhães. A turma foi escolhida por estar na série final do ensino fundamental, que é o fechamento de um ciclo da educação básica. Devido a esse fechamento, a instituição escolar, o Estado e a comunidade esperam que esse alunado tenha os conhecimentos necessários para ingressar no Ensino Médio, o que não está direcionado diretamente a essa série, mas a todo o ensino fundamental e ao que foi aprendido durante esse período.

A sequência didática proposta visa auxiliar o professor de língua portuguesa no ensino dos estrangeirismos, que fazem parte do referencial curricular da educação básica, além de buscar algumas respostas, que não são definitivas, mas podem simplificar a mediação do docente em sala de aula, além de desconstruir paradigmas quanto ao uso do dicionário no cotidiano escolar. A sequência didática tem a duração de 12 aulas; cada aula tem cerca de 50 minutos. Desenvolvemos as atividades de acordo com os gêneros textuais jornalísticos escolhidos: notícia, reportagem, entrevista, propaganda e anúncios publicitários. O desenvolvimento das atividades tem como premissa a estrutura de base da sequência didática desenvolvida por Schneuwly e Dolz (2004), cuja finalidade é ajudar o aluno a participar da produção e circulação do gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Deste esquema proposto pelos autores, utilizamos integralmente a primeira parte, a “apresentação da situação”. A produção inicial e a produção final, foram por nós adequadas, visto que esta pesquisa visa o estudo do vocabulário e não o domínio de um gênero de modo que culminaram na elaboração; foi realizada uma produção do texto ao texto, ação conjunta de um mural de anglicismo e na constituição também coletiva do glossário apresentado no último capítulo.

Figura 2: Esquema da sequência didática



Fonte: Schneuwly e Dolz, 2004, p. 97

A princípio, foi analisada a receptividade dos alunos, a forma como eles receberam a proposta e a sua contribuição para a realização da pesquisa. Sabemos que a reação dos alunos e como eles interagem pode dificultar ou facilitar a aplicação da pesquisa. Foi analisada também a leitura dos textos propostos, os conteúdos contidos neles e o conhecimento que os alunos têm ou não a respeito deles. Além disso, foi feita a análise da produtividade das atividades propostas para a aprendizagem do léxico, da sua relevância no ensino de língua portuguesa, assim como os dicionários utilizados na pesquisa.

3.1. Aula 1. Apresentação da situação

1. Como Schneuwly e Dolz (2004, p. 97) propõem, a apresentação da situação visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final e, ao mesmo tempo, os prepara para a produção inicial. Essa primeira parte da sequência é fundamental e deve ser desenvolvida de forma explícita, para que os alunos consigam entender com clareza o que será feito. Algumas perguntas deverão ser respondidas:

- Quais são os gêneros que serão abordados?

Os alunos foram apresentados aos gêneros jornalísticos que foram trabalhados nesta proposta: notícia, reportagem, entrevista, propaganda e anúncio publicitário. É importante que as características dos gêneros sejam revisadas, uma vez que foram trabalhadas nas séries anteriores.

- A quem se dirige a produção?

Aos alunos do ensino fundamental.

- Que forma assumirá a produção?

A produção final tomará a forma de um glossário voltado aos estudantes do ensino fundamental.

- Quem participará da produção?

Todos os alunos da turma selecionada de 9º ano.

Como foi citado no capítulo anterior deste trabalho, a metodologia utilizada, de acordo com Genouvrier e Peytard (1974, p. 290), deve ter como motivação a análise de textos, visto que não é interessante apresentar ao aluno palavras soltas, fora de um contexto. A palavra só tem significação em uma frase, e esta, por sua vez, em texto.

Por esse motivo, para que os alunos compreendessem o que são anglicismos e que relevância esses termos têm em nosso dia a dia, foi feita a leitura do texto “Como a internet está mudando as amizades”, em grupos, devido ao tamanho do texto. Cada grupo leu, discutiu entre si e compartilhou o que discutiu com toda a turma. O objetivo desse primeiro momento é destacarmos a presença de estrangeirismos, especialmente anglicismos, no texto e nas redes sociais.

Como a internet está mudando as amizades⁴

Nunca foi tão fácil manter contato. Graças às redes sociais, nunca tivemos tantos amigos. Mas isso está transformando a própria definição de amizade.¹

Qual é a primeira coisa que você faz quando entra na internet? Checa seu e-mail, dá uma olhadinha no Twitter, confere as atualizações dos seus contatos no Orkut ou no Facebook? Há diversos estudos comprovando que interagir com outras pessoas, principalmente com amigos, é o que mais fazemos na internet. Só o Facebook já tem mais de 500 milhões de usuários, que juntos passam 700 bilhões de minutos por mês conectados ao site – que chegou a superar o Google em número de acessos diários. A internet é a ferramenta mais poderosa já inventada no que diz respeito à amizade. E está transformando nossas relações: tornou muito mais fácil manter contato com os amigos e conhecer gente nova. Mas será que as amizades online não fazem com que as pessoas acabem se isolando e tenham menos amigos offline, “de verdade”? Essa tese, geralmente citada nos debates sobre o assunto, foi criada em 1995 pelo sociólogo americano Robert Putnam. E provavelmente está errada. Uma pesquisa feita pela Universidade de Toronto constatou que a internet faz você ter mais amigos – dentro e fora da rede. Durante a década passada, período de surgimento e ascensão dos sites de rede social, o número médio de amizades das pessoas cresceu. E os chamados heavy users, que passam mais tempo na internet, foram os que ganharam mais amigos no mundo real – 38% mais. Já quem não usava a internet ampliou suas amizades em apenas 4,6%.

⁴ Por Camilla Costa e Bruno Garattoni access_time 30 nov 2018, 19h17 - Publicado em 21 fev 2011, 22h00.
<https://super.abril.com.br/comportamento/como-a-internet-esta-mudando-a-amizade/>

Então as pessoas começam a se adicionar no Facebook e no final todo mundo vira amigo? Não é bem assim. A internet raramente cria amizades do zero – na maior parte dos casos, ela funciona como potencializadora de relações que já haviam se insinuado na vida real. Um estudo feito pela Universidade de Michigan constatou que o 20 maior uso do Facebook, depois de interagir com amigos, é olhar os perfis de pessoas de gente que acabamos de conhecer. Se você gostar do perfil, adiciona aquela pessoa, e está formado um vínculo. As redes sociais têm o poder de transformar os chamados elos latentes (pessoas que frequentam o mesmo ambiente social que você, mas não são suas amigas) em elos fracos – uma forma superficial de amizade. Pois é. Por mais que existam exceções a qualquer regra, todos os estudos apontam que amizades geradas com a ajuda da internet são mais fracas, sim, do que aquelas que nascem e crescem fora dela.

Isso não é inteiramente ruim. Os seus amigos do peito geralmente são parecidos com você: pertencem ao mesmo mundo e gostam das mesmas coisas. Os elos fracos não. Eles transitam por grupos diferentes do seu, e por isso podem lhe apresentar coisas e pessoas novas e ampliar seus horizontes – gerando uma renovação de ideias que faz bem a todos os relacionamentos, inclusive às amizades antigas. Os sites sociais como Facebook tornam mais fácil fazer, manter e gerenciar amigos. Mas também influem no desenvolvimento das relações – pois as possibilidades de interagir com outras pessoas são limitadas pelas ferramentas que os sites oferecem. “Você entra nas redes sociais e faz o que elas querem que você faça: escrever uma mensagem, mandar um link, cutucar”, diz o físico e especialista em redes Augusto de Franco, que já escreveu mais de 20 livros sobre o tema. O problema, por assim dizer, é que a maioria das redes na internet é simétrica: se você quiser ter acesso às informações de uma pessoa ou mesmo falar reservadamente com ela, é obrigado a pedir a amizade dela, que tem de aceitar

Como é meio grosseiro dizer “não” a alguém que você conhece, mesmo que só de vista, todo mundo acabava adicionando todo mundo. E isso vai levando à banalização do conceito de amizade. “As pessoas a quem você está conectado não são necessariamente suas amigas de verdade”, diz o sociólogo Nicholas Christakis, da Universidade Harvard. É verdade. Mas, com a chegada de sites como o Twitter, a coisa ficou diferente.

Amizade assimétrica

No Twitter, eu posso te seguir sem que você tenha de autorizar isso, ou me seguir de volta. É uma rede social completamente assimétrica. E isso faz com que as redes de “seguidores” e “seguidos” de alguém possam se comunicar de maneira muito mais fluida. Ao estudar, com um time de pesquisadores, a sua própria rede no Twitter, Christakis percebeu que seu grupo de amigos tinha começado a se comunicar entre si independentemente da mediação dele. Pessoas cujo único ponto em comum era o próprio Christakis acabaram ficando amigas entre si. “As redes sociais estão ficando maiores e mais diversificadas”, diz o sociólogo e pesquisador de redes Barry Wellman, da Universidade de Toronto.

É o seguinte. Eu posso me interessar pelo que você tem a dizer e começar a te seguir. Nós não nos conhecemos. Mas você saberá quando eu o retuitar ou mencionar seu nome no site, e poderá falar comigo. Meus seguidores também podem se interessar pelos seus tuítes e começar a seguir você. Os seus seguidores podem ter curiosidade sobre mim e entrar na conversa que estamos tendo. Em suma: nós continuaremos não nos conhecendo, mas as pessoas que estão à nossa volta estabelecem vários níveis de interação – e podem até mesmo virar amigas entre si.

Mas boa parte dos cientistas ainda acha que, mesmo estando em contato com qualquer pessoa mais facilmente e a todo o momento, a distância continuará prejudicando as amizades. “A internet faz com que você consiga desacelerar o processo, mas não salva as relações”, acredita o antropólogo Robin Dunbar. “No fim das contas, ainda precisamos estar próximos das pessoas de vez em quando.” É verdade. A maioria dos especialistas em relacionamento humano acredita que a proximidade física é essencial para sentirmos os efeitos benéficos das amizades profundas. Só que o cérebro pode estar começando a mudar de opinião.

Um estudo que está sendo realizado na Universidade da Califórnia começou a desvendar o efeito que as redes sociais produzem no organismo. Mais precisamente, o que acontece com os níveis de ocitocina quando usamos o Twitter, por exemplo. É há um efeito. Os primeiros resultados mostraram que tuitar estimula a liberação desse hormônio, e conseqüentemente diminui os níveis de hormônios como cortisol e ACTH, associados ao estresse.

Isso significa que o cérebro pode ter desenvolvido uma nova maneira de interpretar as conversas no Twitter. “O cérebro entende a conexão eletrônica como se fosse um contato presencial”, diz Paul Zak. Isso seria uma adaptação evolutiva ao uso da internet. “O sistema de ocitocina está sempre se ajustando ao ambiente em você está”, diz. “Pode ser que, de tanto interagir em redes sociais, as pessoas estejam se tornando mais sintonizadas para a amizade. E aí elas acabam fazendo mais amigos, inclusive presencialmente.” Ou seja: além de mudar as amizades, a internet também pode acabar modificando o próprio cérebro humano. Mas ainda é cedo para dizer se acabaremos nos tornando seres hiperssociais, com cérebros capazes de acomodar um número maior de amigos. O próprio Paul Zak diz que não é possível desconsiderar a importância do contato físico – um dos mais importantes estimulantes da liberação de ocitocina no organismo. “No máximo, vamos ter mais possibilidades de manter relações íntimas a distância por mais tempo”, diz. Outros, como Robin Dunbar, acham que a tecnologia ainda pode nos surpreender, e romper a última barreira da amizade online: “O Skype e outros serviços do tipo não são bons o suficiente, porque não nos permitem tocar um no outro em realidade virtual. Ainda.”

AMIZADE PÓS-MODERNA

A internet e as redes sociais se baseiam em dois tipos de relação:

Amizade simétrica

É recíproca: se eu quiser ter você como amigo e acessar o seu perfil, você precisa autorizar o pedido e se tornar meu amigo também.

Pró: Privacidade. Você decide quem terá acesso às suas informações.

Contra: Reduz a possibilidade de conhecer gente nova.

Exemplos: Facebook / Flickr / LinkedIn

Amizade assimétrica

Não é recíproca: eu posso adicionar ou seguir você sem precisar pedir permissão (e posso inclusive fazer isso sem que você saiba).A

Pró: Torna muito mais fácil a formação de laços e comunidades.

Contra: Mais difícil de virar amizade íntima, pois a interação é pública.

Exemplos: Twitter / Instagram / Tumblr

3.2. Aula 2. Produção inicial – Elaboração do Mural de Anglicismos

Na produção inicial, os alunos elaboraram um mural de anglicismos, no qual estavam os anglicismos que foram identificados no texto “Como a internet está mudando as amizades”, além de outros que fazem parte do vocabulário deles. A turma foi dividida em grupos para a confecção do mural que, como Dolz e Schneuwly (2004, p. 102) propõem, foi o primeiro lugar de aprendizagem da sequência, no qual foram evidenciados os pontos fortes e fracos e buscadas soluções para os problemas que apareceram.

3.3. Aula 3. Módulo 1 – Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem

O “Desafio dos 10 anos” no Facebook é realmente uma cilada?⁵

Autora alerta sobre os riscos do #10yearchallenge e lembra: seus dados podem ser muito valiosos

Se você ainda não viu, é muito provável que logo apareça em seu Facebook (ou Instagram, ou Twitter) uma sequência de duas fotos de alguém. Uma mais antiga, de 2009, e outra mais recente, de 2019. É o chamado #10yearchallenge, o desafio dos 10 anos, última sensação viral nas redes sociais. Mas o que poderia ser só mais um meme virou centro de uma polêmica relacionada à privacidade nesta semana: o desafio de compartilhar fotos poderia ser só mais artifício de empresas de tecnologia para alimentar algoritmos de reconhecimento facial, deixando-os cada vez eficazes.

Pelo menos foi essa a hipótese que levantou a autora e especialista em tecnologia Kate O’Neill, em um artigo publicado no site da revista Wired. Ela não apresentou provas de que alguma companhia esteja por trás da ação ou da hashtag. Mas levantou um ponto interessante: graças ao viral, qualquer um agora tem acesso a uma seleção de fotos cuidadosamente separadas pelas próprias pessoas, mostrando como elas eram há 10 anos e como estão agora.

Esse conjunto de dados “curados” é valiosíssimo para alguém que esteja desenvolvendo um algoritmo de reconhecimento facial. Tudo porque ele poupa uma boa parte do trabalho que é juntar e “limpar” as informações usadas para alimentar e treinar um software do tipo, como explicou o pesquisador de aprendizado de máquina Bill Hart-Davidson. “O objetivo de uma campanha como essa seria essencialmente compartilhar o esforço para melhorar o aprendizado de máquina sem supervisão”, escreveu em seu Facebook.

Em termos de aplicações práticas, as fotos poderiam ser usadas para “ensinar” um software a identificar melhor padrões de envelhecimento nas pessoas. E um programa do tipo, acredita a autora O’Neill, teria alguns usos benignos e outros nem tanto. A Índia, por exemplo, adotou um sistema de reconhecimento facial assim em 2018 para identificar e resgatar mais de 3 mil crianças perdidas.

Por outro lado, a China poderia aplicar esse conhecimento todo no seu programa de vigilância da população. Assim, conseguiria monitorar as pessoas com ainda mais eficiência, sem perder ninguém de vista no decorrer dos anos. Isso sem contar as possíveis aplicações de um algoritmo do tipo para direcionar mais publicidade ou, em um futuro distante, até para vender seguros ou planos de saúde de acordo com o padrão de envelhecimento da pessoa.

É motivo para pânico? Devo apagar minhas fotos?

São muitas as hipóteses levantadas por O’Neill e também por Hart-Davidson. Mas a resposta curta para as duas perguntas é “não exatamente”, como a própria autora ressaltou. “Não estou dizendo que alguém deva entrar em pânico ou se sentir mal”, escreveu ela em seu Twitter, concluindo o pensamento. “Só vale a pena entender melhor como seus dados podem ser usados. Não precisamos ter medo de tudo, só pensar de forma mais crítica e aprender mais sobre o potencial que nossas informações têm quando usadas em larga escala.”

Fora isso, apagar as fotos agora não ajudaria muito a reverter todo o trabalho que as empresas de tecnologia já fizeram nesse campo de reconhecimento facial. O Facebook —

⁵ Por Gustavo Gusmão access_time 17 jan 2019, 14h39 - Publicado em 17 jan 2019, 14h04
<https://exame.abril.com.br/tecnologia/o-desafio-dos-10-anos-e-realmente-uma-cilada/>

que ressaltou não ter nada a ver com a ação dos 10 anos, vide o posicionamento abaixo — já é bem capaz de identificar os rostos de seus usuários nos mais diversos ângulos e situações graças ao grande volume de fotos publicadas. “Se a sua neura é com o que o Facebook poderia fazer com as fotos do desafio, você não tem com o que se preocupar”, escreveu Carlos Affonso, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio) em seu blog, o Tecfront.

O Google, por sua vez, já tinha mais de 3.720 terabytes de imagens de usuários em seus bancos de dados em 2015 graças ao Google Fotos. E como o serviço é gratuito e tem espaço ilimitado para guardar fotos, é de se imaginar que o volume tenha crescido muito de lá para cá. Material de sobra, portanto, para aperfeiçoar o sistema de reconhecimento facial do aplicativo, que hoje é capaz de identificar até animais pelo rosto.

O lado do Facebook: Esse é um meme criado pelos usuários das nossas plataformas e que viralizou espontaneamente. O Facebook não começou essa onda, e o meme geralmente usa fotos que já estão no Facebook. Nós não ganhamos nada com esse meme (além de nos lembrar das tendências questionáveis de moda de 2009). Como lembrete, vale dizer que as pessoas no Facebook podem escolher se querem deixar o reconhecimento facial ativo ou não a qualquer momento.

Atividade

1. Destaque os anglicismos presentes no texto. Quais deles podem ser adaptados à Língua Portuguesa?

2. Você fez o desafio #10yearchallenge ou conhece alguém que fez? Sabia o significado da hashtag ou apenas deduziu pela montagem de fotos?

2. No quadro abaixo estão alguns anglicismos que são utilizados nas redes sociais. Escreva a tradução literal e se essas palavras fazem ou não parte do seu vocabulário.

Anglicismos	Tradução literal	Faz parte do seu vocabulário?
bff (best friend forever)		
tbt (throw back Thursday)		
LOL (Laughing a lot)		
chick		
please		
fake		
face		
Youtuber		
trollar		
thanks		
hater		

like		
hello		
baby		
OMG (Oh my God)		
no filter		
love		
friend		
fitness		
music		
makeup		
style		
family		

3.4. Aula 4. Módulo 1 – Análise de propagandas e anúncios publicitários

Os alunos foram levados à sala de vídeo da escola e observaram fotografias de fachadas de lojas, *outdoors*, propagandas nas redes sociais e de programas de televisão, além de vídeos de anúncios publicitários que utilizam termos em inglês. A discussão foi despertada a partir da possível familiaridade dos alunos em relação aos anglicismos apresentados. A aula foi filmada para análise.

Figura 3: Anglicismo “one beauty”



Fonte: <http://www.englishinbrazil.com.br/2013/06/quais-as-funcoes-do-ingles-no-brasil.html>

Figura 4: Anglicismo “sale”



Fonte: <http://cienciahoje.org.br/intolerancia-linguistica-ou-estrangeirismo-abusivo/>

Figura 5: Anglicismo “shop”



Fonte: <https://mariomarcos.files.wordpress.com/2011/03/aabest1.jpg>

Figura 6: Anglicismo “fitness”



Fonte: <https://ecopex.com.br/fachadas/fachada-de-madeira-plastica/fachada-de-madeira-plastica-para-academia/>

Figura 7: Anglicismo “studio”



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/372109987945121993/>

Figura 8: Anglicismo “At play”



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/536139530637115269/>

Figura 9: Anglicismo “Big Brother”



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-n0DnpTRKoAg/T_MxcAqyIrI/AAAAAAAAABMQ/S_E_V_7V_Ng/s1600/bigbrotherbrasil12.jpg

Figura 10: Anglicismo “welcome”



Fonte: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2012/02/21/carnaval-da-copa-o-passo-definitivo-do-turismo/>

Figura 11: Anglicismo “loser”



Fonte: <http://www.ivoviuaava.com.br/anglicismos/>

3.5. Aula 5. Módulo 1 – Caça-palavras dos empréstimos linguísticos

No caça-palavras abaixo estão as palavras em português que correspondem àquelas em inglês, que estão enumeradas. Procure esses empréstimos linguísticos, destaque-os e escreva-os nos espaços correspondentes.

Quadro 1: Caça-palavras anglicismos

S	W	R	A	S	A	Y	U	I	O	P	L	K	U	P	M	A	X	Ç	M	S	N	J	A	P	A	K	L
A	N	A	Q	C	A	J	H	G	F	R	C	A	A	N	O	E	S	S	A	L	Ç	A	Ã	U	C	E	U
J	U	L	I	E	L	R	K	U	E	S	S	E	R	T	S	E	A	R	L	O	H	G	R	E	D	V	H
A	R	E	C	I	J	H	E	K	Y	U	E	R	T	S	E	M	P	R	D	K	I	R	L	O	R	J	A
K	I	U	O	O	E	T	H	U	R	F	T	Y	U	I	O	M	N	E	K	Ç	I	Q	T	I	E	S	K
O	K	I	H	C	U	C	X	Z	Q	L	Ç	J	E	Y	O	L	S	G	F	T	L	A	M	N	H	V	A
L	H	E	T	U	Y	P	J	H	K	A	M	N	T	C	E	C	I	H	R	A	M	H	U	J	T	O	J
I	V	T	M	I	P	L	A	P	U	U	P	M	E	F	O	R	Y	U	G	R	A	O	L	U	O	L	U
T	A	W	E	D	A	E	G	P	O	I	M	D	J	N	H	H	C	L	O	B	L	O	K	A	R	I	U
S	Y	E	G	R	H	J	L	P	Ç	P	O	K	T	H	Y	J	U	F	I	E	C	A	S	D	B	H	F
E	Y	U	A	I	I	B	T	R	Y	R	X	O	C	V	B	N	M	H	D	A	R	E	I	F	S	A	B
T	W	Q	I	U	K	T	A	N	T	I	A	N	E	D	R	E	W	O	S	F	W	E	E	F	D	I	B
V	I	R	U	L	I	A	S	N	Q	D	Y	J	F	H	E	A	M	U	I	K	Ç	V	N	N	M	V	A

D	E	H	Q	R	E	J	E	I	L	Ç	A	C	S	H	R	P	W	G	E	C	S	A	T	H	U	K	I
Y	G	L	A	R	J	C	M	M	E	L	H	O	R	A	M	I	G	O	E	S	T	Q	R	H	C	N	X
S	E	R	M	H	T	U	I	Y	U	I	J	V	A	S	D	F	G	H	J	J	L	O	A	Ç	P	O	A
T	E	R	S	A	E	R	T	X	C	V	B	N	M	U	Y	T	R	F	J	K	L	O	R	J	Q	W	R
W	T	C	H	A	U	A	E	W	H	B	B	M	F	A	L	S	O	M	I	O	J	A	R	L	I	O	P
A	W	Q	E	R	T	Y	U	I	P	J	U	G	A	O	P	E	R	D	O	L	I	J	Y	Y	C	A	D
L	I	M	O	H	T	R	E	O	Ã	Ç	A	T	N	E	S	E	R	P	A	S	A	W	A	L	A	D	A

Fonte: Autoria própria

1. Like _____
2. Best Friend _____
3. Download _____
4. Crush _____
5. Shampoo _____
6. Shopping _____
7. Fake _____
8. Style _____
9. Show _____
10. Makeup _____
11. Fit _____
12. Stress _____
13. Look _____
14. Bye _____
15. Login _____
16. Brother _____
17. Off _____
18. Top model _____

3.6. Aula 6. Módulo 2 - Atividade “Entrevista: o que você sabe sobre as redes sociais?”

Essa atividade foi desenvolvida em duplas. Antes da entrevista, a turma toda leu o texto “Hootsuite apresenta 6 tendências das redes sociais para 2019” e respondeu às

perguntas: a) o que vocês acharam do texto? b) vocês concordam com o autor? Se não, por quê? Após a leitura, cada aluno escolheu um colega para entrevistar e foi entrevistado por ele. O objetivo dessa atividade é fazer um levantamento dos anglicismos que são utilizados pelos alunos nas redes sociais.

Hootsuite apresenta 6 tendências das redes sociais para 2019⁶

Relatório aponta volta às raízes das redes sociais, com usuários querendo conteúdos mais reais, mais pessoais e um todo mais autêntico
por Soraia Alves

2018 definitivamente não foi um ano confortável para as redes sociais. Nunca se falou tanto em privacidade e vazamento de dados, além de vermos grandes empresas como Facebook e Google na mira de investigações de governos de diferentes países. 2018, afinal, foi o ano em que Mark Zuckerberg teve que se explicar no Congresso dos Estados Unidos.

As fake news também tiveram grande impacto em relação às redes sociais. Por um lado, o termo foi amplamente utilizado pelos usuários, mas isso não significa que o entendimento do conceito, nem o questionamento sobre os conteúdos recebidos aconteceram de fato.

E é claro que esses e tantos outros acontecimentos trazem desdobramentos quanto às tendências para as redes sociais no próximo ano. De acordo com o relatório anual de tendências do Hootsuite publicado por Ryan Holmes, CEO da empresa no Fast Company, podemos esperar 6 grandes inclinações nas redes sociais em 2019. São elas:

Um retorno ao real

As ondas de escândalos, como o caso Cambridge Analytica tiveram um impacto real na fé dos usuários em relação às redes sociais. De acordo com o Relatório de Barômetro de Confiança da Edelman, em 2018, 60% das pessoas disseram não confiar mais nas empresas de mídias sociais.

O cenário de fake news e manipulação de dados também afetou a forma como os usuários se relacionam com influenciadores, tanto celebridades quanto personalidades das mídias digitais. A desconfiança com os conteúdos publicados é maior, e a confiança do público se voltou para os conteúdos replicados por amigos, familiares e conhecidos. A credibilidade pessoal agora fala muito mais que o número de seguidores.

Para as empresas de mídias sociais, isso representa um desafio delicado em 2019. Usar as redes sociais apenas como outro canal de anúncios parece cada vez mais fora de sintonia com as preferências do usuário. Em vez disso, quem já entendeu o cenário se concentrará menos em maximizar o alcance em 2019 e mais em gerar engajamento transparente e significativo.

Marcas como Adidas e o The New York Times, por exemplo, já começaram a apostar nisso criando comunidades focadas e permitindo a interação dos próprios usuários entre si.

Stories, stories e mais stories

O uso do recurso Stories está crescendo 15 vezes mais rápido que o compartilhamento de conteúdo no feed. Segundo Chris Cox, chefe de produto do Facebook, os Stories devem superar os feeds como a principal maneira de as pessoas compartilharem coisas com seus

⁶ Fonte: <https://www.b9.com.br/101355/hootsuite-apresenta-6-tendencias-das-redes-sociais-para-2019/>

amigos já em 2019.

Com isso, as empresas que buscam se manter relevantes nas redes sociais precisam melhorar suas performances nos Stories de todas as redes sociais: Instagram, Facebook, WhatsApp e Snapchat.

Dois terços dos entrevistados da pesquisa do Hootsuite implementaram o Instagram Stories em seus negócios ou pretendem fazê-lo no próximo ano. Isso significa repensar posts com menos blocos de texto e mais uso de recursos multimídias. Integrar vídeo, gráficos simples e um arco narrativo é fundamental, mas é importante não perder de vista a autenticidade.

O The Guardian, por exemplo, percebeu há algum tempo que Stories menos polidos e mais realistas geram maior engajamento.

(...)

Crescimento dos grupos no Facebook

Embora seja um recurso que está no Facebook desde a sua criação, o interesse renovado dos usuários em privacidade tem feito os grupos crescerem “de repente”. No ano passado, o número de membros do Facebook cresceu 40%, com 1,4 bilhão de pessoas usando grupos todos os meses. De fato, bem antes do caso Cambridge Analytica, a plataforma já havia recalibrado seus algoritmos para priorizar o envolvimento com amigos, familiares e grupos.

Segundo o Hootsuite, 2019 é o ano das empresa encontrarem maneiras de explorar o interesse ressurgente em grupos e o desejo dos usuários de ter um espaço seguro para discussão. E aqui a exclusividade com Grupos Fechados pode ajudar.

Conversas pessoais

Juntos, Facebook Messenger e WhatsApp possuem mais de 2,8 bilhões de usuários. Adicione plataformas populares chinesas como WeChat e QQ, e a maior parte do planeta está em aplicativos de mensagens. Em vez de compartilhar abertamente nas redes sociais, os usuários optam por se envolver em conversas privadas ou em pequenos grupos.

Para as empresas, isso também traz novos desafios. Os canais de mensagens são a próxima plataforma para alcançar clientes ou os usuários não permitirão intrusos nesse espaço?

Ainda sem uma resposta formal, o que se sabe por enquanto é que para o atendimento ao cliente este canal funciona. 9 entre 10 consumidores querem usar mensagens para se comunicar com as empresas, embora menos da metade das empresas que responderam à pesquisa do Hootsuite usem o recurso.

Os bots de mensagens que usam inteligência artificial costumam ser a ferramenta mais usada pela empresas que usam chats no atendimento ao cliente, mas estima-se que 70% das interações de bots do Facebook são falhas e exigem intervenção humana.

A Sephora é uma das empresas que entenderam a importância da interação pessoal e implantou um exército de chatbots para ajudar com tutoriais e sugestões de produtos em mensagens aos clientes, mas com pessoas reais de plantão quando para ajudar a qualquer momento.

O desafio de destacar anúncios

Os anúncios (conteúdos patrocinados) estão presentes em todas as redes sociais. O Facebook sozinho responde por quase 1/4 de todos os gastos com publicidade digital nos

Estados Unidos, enquanto mais de 3/4 dos entrevistados para o relatório investirão em anúncios ou planejam fazê-lo no próximo ano.

Mas se destacar neste grande mar de conteúdos patrocinados está cada vez mais difícil. No Facebook, o custo por mil impressões (medida padrão conhecida como CPM) saltou 112%. Enquanto isso, os usuários mais atentos estão filtrando mais esses mesmos anúncios, principalmente ao usar ferramentas de bloqueio.

Assim, embora as empresas possam estar pagando mais do que nunca pelos anúncios, isso não garante que ninguém está prestando atenção. Por isso, 2019 pode trazer uma diminuição nos banners sem graça no feed e um aumento de “campanhas completas”, projetadas para gerar engajamento e discussão, como Spotify e Netflix sempre apostam.

Em um resumo sobre as tendências em redes sociais para 2019, o que está claro é que os paradigmas sociais estão mudando. No começo, as redes sociais eram um lugar para se conectar com pessoas que você realmente conhecia ou, pelo menos, queria conhecer. O “negócio cresceu” e a popularidade global transformou esses espaços digitais em algo pouco íntimo, cheio de personalidades, práticas duvidosas e um campo quase agressivo de vendas. Mas os usuários já cansaram disso e estão começando a exigir mais qualidade nos conteúdos, pedindo uma maior transparência em troca de seu tempo e suas informações.

É como se as redes sociais comessem a voltar às raízes, com tudo mais real, mais pessoal e mais autêntico.

Entrevista

O que você sabe sobre as redes sociais?

1. Quais das redes sociais citadas no texto você utiliza?

2. Você concorda com o autor do texto quando ele diz que os *Stories* devem superar os *feeds* como a principal maneira de as pessoas compartilharem coisas com amigos em 2019? Você faz mais postagens nos *Stories* ou no *feed*?

3. Quais são as *hashtags* que você mais utiliza nas suas postagens?

4. Qual das redes sociais citadas no texto é a sua preferida? Por quê?

5. Quais os tipos de conteúdo você mais gosta de ver nas redes sociais? Cite alguns.

6. Há no texto algum anglicismo que você não conhece? Qual(is)?

3.7. Aula 7. Módulo 2 – Atividade “Encontre alguém que...”

A atividade consiste em analisar se os anglicismos mencionados nas frases fazem parte do vocabulário dos alunos. Cada um deles recebeu uma ficha com 20 frases, as quais deviam ser respondidas com nomes de 20 pessoas diferentes. A turma pôde encontrar pessoas da própria sala de aula ou que façam parte da equipe de funcionários, além de colegas de outras salas que estivessem nos corredores. Para encontrar essas pessoas, eles precisaram saber o significado dos anglicismos ou as palavras que correspondem a eles.

Atividade

ENCONTRE ALGUÉM QUE...

1. tem um CRUSH:
2. já publicou um CHECK IN no Facebook:
3. já tirou foto no espelho usando o FLASH:
4. detesta FAST FOOD:
5. já fez COOKIE de chocolate:
6. já teve um INSIGHT:
7. que nunca abriu a sua caixa de SPAM:
8. que é TEEN:
9. que deu um UPGRADE no visual em 2019:

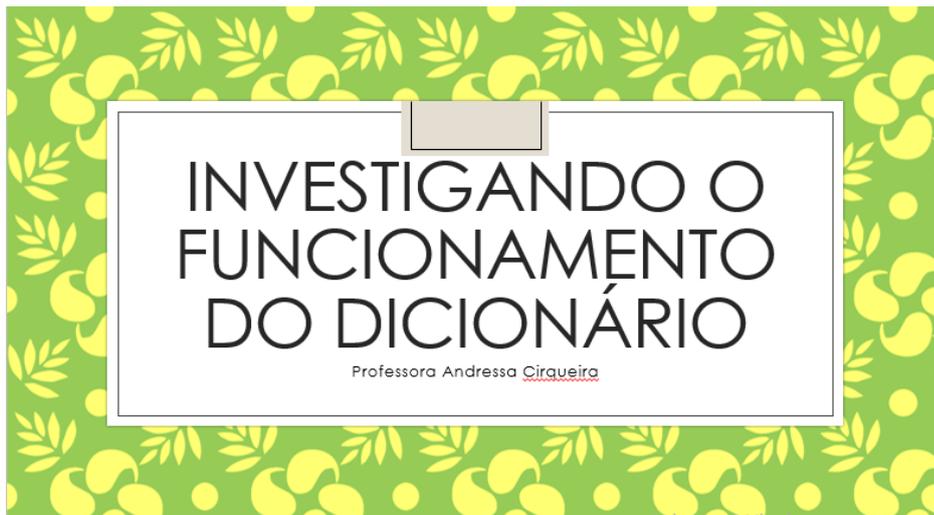
10. que adora um HAPPY HOUR:
11. que tem um HOME THEATER:
12. sempre dá FEEDBACK sobre os filmes que assiste:
13. é YOUTUBER:
14. conhece alguém que tem perfil FAKE no Instagram:
15. faz um CHECK UP todo ano:
16. vive reclamando do STRESS:
17. já comeu chocolate DIET:
18. só usa computador se tiver MOUSE:
19. tem um KIT de primeiros socorros:
20. tem um carro com AIR BAG:

3.8. Aula 8. Módulo 2. “Investigando o funcionamento do dicionário”

Antes de passarmos para as atividades que serão desenvolvidas com o uso do dicionário, fizemos a explanação do que é o dicionário, de como é formada a sua estrutura, tipologia, origem e evolução. Infelizmente, os professores não são preparados para realizar um trabalho mais produtivo com os dicionários e estes ainda são objetos pouco explorados no ensino da língua portuguesa. Em virtude disso, pensamos em desenvolver atividades voltadas para o uso dessa importante ferramenta; contudo, acreditamos que antes da realização de qualquer atividade, é necessário que os alunos aprendam a manuseá-lo.

Antes desta pesquisa, costumávamos utilizar o dicionário como foi mencionado, apenas para conferência, geralmente ortográfica, de palavras pré-selecionadas. Após as leituras, percebemos a importância de destrinchar cada detalhe, de manuseá-lo de forma produtiva em sala de aula.

Essa aula foi voltada para a produtividade e funcionalidade do dicionário de Língua Portuguesa. Os alunos foram levados à sala de vídeo, onde puderam compreender, por meio de *slides*, que os dicionários são muito além do que lhes foi apresentado até então.



O que é Dicionário para você?

- ❖ Um livro?
- ❖ Um livro grosso e bem pesado?
- ❖ Um livro cheio de palavras difíceis?
- ❖ Um instrumento de pesquisa?
- ❖ Um documento?
- ❖ Um depósito de palavras?
- ❖ Um livro para procurar o significado das palavras?
- ❖ Um livro para saber se as palavras existem ou não?
- ❖ Um livro para saber como são escritas as palavras?

Afinal, o que é o Dicionário?

- ❖ É mais que um livro, é um dos objetos culturais mais conhecidos e utilizados;
- ❖ Contém informações de natureza gramatical, semântica e prática de cada palavra;
- ❖ É um texto duplamente estruturado que apresenta:
 - a) Uma sequência vertical de itens, ditos "**ENTRADAS**", que geralmente estão em ordem alfabética (essa sequência é chamada de **nomenclatura**)
 - b) Um programa de informação sobre essas entradas, que forma com elas os **VERBETES**.

Afinal, o que é o Dicionário?

VERBETE = ENTRADA + INFORMAÇÕES GRAMATICAIS, DEFINIÇÃO, EXEMPLOS DE USO, REMISSIVAS

Amar v. 1. Ter por uma pessoa um sentimento que faz desejar para ela toda a felicidade: querer - *Os filhos amam os pais. / Os noivos se amam.* 2. Ter prazer com alguma coisa: gostar - *Os atletas amam os esportes.* Ant.: odiar (1), detestar (2).

Fonte: Dicionário Júnior da Língua Portuguesa / Geraldo Mattos

Qual é a diferença entre Dicionário, Vocabulário e Glossário?

DICIONÁRIO é um livro de referência onde se encontram palavras e expressões de uma língua, por ordem alfabética, com a respectiva significação ou tradução para outra língua e ainda, por vezes, com certas características fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas.

Vocabulário apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade. É mais específico; cada pessoa possui o seu próprio vocabulário.

Glossário se aplica aos itens extraídos de um determinado texto ou determinada obra. (Já reparou que os livros didáticos que utilizamos em sala de aula têm Glossários?)

Quais são os Dicionários que a nossa escola possui?

- ❖ Saraiva Jovem Ilustrado
- ❖ Minidicionário escolar com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa
- ❖ Aurélio Júnior
- ❖ Mini Caldas Aulete
- ❖ Dicionário didático
- ❖ Mini Luft
- ❖ Dicionário escolar da Academia Brasileira de letras

Após a explanação produzida com base nos referidos *slides*, os alunos foram levados à biblioteca, onde puderam pegar os dicionários, abri-los, observar como são construídos os verbetes e ver as opções que a escola oferece.

3.9. Aula 9. Módulo 2 – Atividade “Encontrando entradas no dicionário”

Antes do início da leitura de “Nada de Tinder: jovens estão usando Google Docs para paquerar na escola”, foi explicado aos alunos o que são *Tinder* e *Google Docs*, para facilitar a compreensão do texto.

Nada de Tinder: jovens estão usando Google Docs para paquerar na escola⁷

Por Wagner Wakka | 17 de Março de 2019 às 15h00

Os jovens estão mostrando que, quando o assunto é paquera, não há limites que não possam contornar. Uma reportagem do The Atlantic mostrou que adolescentes nos Estados Unidos estão usando o Google Docs não apenas para produzir trabalhos escolares, mas com um objetivo muito mais importante na mente deles: o de mandar aquele “oi, sumido” para o crush.

Brincadeiras de lado, o fato é que os jovens estão ressignificando o recurso de compartilhamento do Docs, que permite que várias pessoas trabalhem em um arquivo ao mesmo tempo. Eles não usam nem mesmo o chat interno que há na plataforma, preferindo escrever textos em um documento compartilhado entre o grupo.

Isso acontece porque, em grande parte das escolas que usam a tecnologia em suas aulas, a maioria das plataformas mensageiras ou são bloqueadas, ou são monitoradas. E, bem, só quem já teve um recadinho enviado ao crush interceptado pelo professor sabe o pesadelo que isso pode se tornar. “Flertando no chat do Google Docs”, diz a postagem do jovem no Twitter.

O sistema funciona da seguinte forma: alguém cria um novo documento no Google Docs e o compartilha com os colegas que vão participar da “conversa”. Então, os alunos vão deixando comentários, links, fotos e quaisquer coisas que queiram compartilhar com demais. Os usuários se diferenciam entre si pela escolha de fontes e cores diferentes por cada, e caso haja necessidade de algo mais particular, basta criar um novo documento e começar uma nova conversa apenas com aquela pessoa.

No fim do dia, aquele arquivo é apenas uma sequência de textos que pode muito bem enganar os olhos menos atentos de professores. Assim, eles conseguem manter a comunicação sem que ninguém perceba.

Outro sistema usado pelos alunos é copiar o texto apresentado pelo professor e enviar os recados entre si pelo recurso de adicionar comentários ao documento, fingindo que estão tomando notas das aulas.

A matéria, apesar de curiosa, chega mais como uma ironia para a situação atual da Google. A plataforma anunciou nesta semana o desligamento do Allo, seu principal app mensageiro, competidor do Messenger, WhatsApp e Telegram. A empresa desligou a ferramenta por falta de adesão de usuários.

Assim, é no mínimo irônico que os jovens estejam usando exatamente uma ferramenta da Google como opção de comunicação quando são impedidos de usarem seus smartphones na sala de aula. Isso ainda levanta outros problemas que podem ter feito com que o Allo caísse no ostracismo: um

⁷ Fonte: <https://canaltech.com.br/comportamento/nada-de-tinder-jovens-estao-usando-google-docs-para-paquerar-na-escola-134907/>

deles é que a plataforma não tinha um cliente web, sendo que não permitia acesso pelo navegador ou programas no PC.

No fim, esta é apenas uma demonstração de que, seja no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo, alunos se esforçam bravamente para fazer qualquer coisas que seja diferente de prestar atenção em suas aulas — e não medem esforços, usando e abusando da criatividade, para mandar aquele flerte. Vai que cola, não é mesmo?

Atividade

1. O que são as entradas no dicionário?

2. As palavras abaixo foram tiradas do texto acima. Pinte aquelas que aparecem como entradas no dicionário.

CRUSH	CHAT	SMARTPHONE	LINK
FLERTE	WEB	PROBLEMA	FOTO
PROGRAMA	PLATAFORMA	COMPUTADOR/PC	APLICATIVO/APP

3.10. Aula 10. – Atividade “Anglicismos no dicionário de Língua Portuguesa”

Nas aulas 9 e 10, os alunos utilizaram o dicionário para verificar se os anglicismos estudados durante toda a sequência didática estão presentes nos dicionários de Língua Portuguesa disponibilizados na escola.

Os dicionários mencionados, a seguir, estão disponíveis na biblioteca, para a utilização dos alunos do 6º ao 9º ano:

- Saraiva Jovem Ilustrado
- Minidicionário escolar com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa
- Aurélio Júnior
- Mini Caldas Aulete
- Dicionário Didático
- Mini Luft
- Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras

Atividade

Você reconhece as palavras abaixo? São aquelas que estudamos nas aulas anteriores! Sua função agora é procurá-las no dicionário, a fim de verificar se elas estão disponíveis ou não nesse instrumento tão importante e relevante para o nosso aprendizado.

Dicionário: _____

Autor: _____

Ano: _____

ENTRADAS	SIM	NÃO	
BAIXAR			
FLASH			
FITNESS			
ESTRESSE			
SHOPPING			
HASHTAG			
SPAM			
HOME THEATER			
FAST FOOD			
FEEDBACK			
KIT			
MOUSE			
FEED			
SHOW			

3.11. Aula 11- Atividade “Encontrando verbetes”

Na atividade a seguir, os alunos pesquisaram nos 7 dicionários disponíveis as definições atribuídas aos anglicismos selecionados. A seleção das palavras se deu por meio dos textos lidos e das atividades até aqui elaboradas. O objetivo dessa atividade é comparar os

verbetes dos 7 dicionários escolares presentes da escola. Cada aluno recebeu uma ficha com uma entrada. Após o preenchimento, compartilhamos as respostas.

Atividade

Agora chegou a sua vez de encontrar os verbetes no dicionário! Já vimos que a nossa escola disponibiliza 7 tipos de dicionários de português para a segunda fase do ensino fundamental.

Você vai procurar uma das entradas destacadas abaixo e escrever as informações sobre ela que estiverem presentes no dicionário de português. Procure no texto do verbete se há alguma informação ou marcação que indique que a palavra é de origem inglesa. Coloque o nome do dicionário e o autor.

ESTRESSE

Dicionário: _____

Autor: _____

SHOW

Dicionário: _____

Autor: _____

BAIXAR

Dicionário: _____

Autor: _____

KIT

Dicionário: _____

Autor: _____

ESTÚDIO

Dicionário: _____

Autor: _____

INTERNET

Dicionário: _____

Autor: _____

MOUSE

Dicionário: _____

Autor: _____

FLASH

Dicionário: _____

Autor: _____

PLATAFORMA

Dicionário: _____

Autor: _____

WEB

Dicionário: _____

Autor: _____

PROGRAMA

Dicionário: _____

Autor: _____

FLERTE

Dicionário: _____

Autor: _____

--

SHOPPING

Dicionário: _____

Autor: _____

DIET

Dicionário: _____

Autor: _____

PROBLEMA

Dicionário: _____

Autor: _____

FOTO

Dicionário: _____

Autor: _____

CHAT

Dicionário: _____

Autor: _____

VÍDEO

Dicionário: _____

Autor: _____

SHAMPOO

Dicionário: _____

Autor: _____

PROMOÇÃO
Dicionário: _____
Autor: _____

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A aplicação desta pesquisa trouxe, indubitavelmente, resultados que nos fizeram refletir e repensar a respeito das dificuldades que os nossos alunos têm tido nas aulas de língua portuguesa. Contribuir para o ensino do léxico é um dos principais objetivos deste trabalho; mais que contribuir, propusemo-nos a auxiliar os alunos para que se tornassem leitores competentes, considerando o grau de dificuldade linguística e discursiva dos textos, obedecendo a uma sequência didática que priorizasse respectivamente a leitura, sendo esta realizada por meio de novos textos em quase todos os módulos, a interpretação (em nível textual e discursivo), a análise linguística e a elaboração de um mural de anglicismos, o qual foi produzido em conjunto com a turma pesquisada. Além disso, produzimos um glossário com alguns anglicismos, que foi elaborado com base na sequência didática proposta e com o auxílio da turma, que contribuiu para a organização da microestrutura dos verbetes, o qual poderá ser utilizado posteriormente no ensino do vocabulário.

Durante aproximadamente dois meses, a turma teve contato direto com anglicismos, alguns reconhecidos, outros desconhecidos até então. Nesse período, exploramos o máximo dos textos e das atividades propostos: realizamos leituras individualizadas e coletivas, discutimos os conteúdos trazidos por cada texto e os comparamos com a realidade dos alunos, conversamos sobre os anglicismos presentes nas redes sociais, tudo a fim de que a turma, de fato, obtivesse o resultado esperado.

Nos tópicos subsequentes serão apresentadas as análises da receptividade dos alunos quanto à aplicação da pesquisa, do contato inicial da turma com os textos propostos, da produtividade das atividades propostas para a aprendizagem dos anglicismos e do uso dos dicionários, bem como da abordagem aos anglicismos durante a realização da pesquisa.

4.1. Perfil socioeconômico da turma

Após a aplicação das atividades, percebemos que precisávamos de informações a respeito das condições socioeconômicas dos alunos, além da influência que os pais ou responsáveis têm em sua vida escolar, tendo em vista que essas informações complementaríamos a análise da pesquisa e nos ajudaria a compreender melhor em que isso implica, no que se refere à linguagem e, mais especificamente, na familiaridade com os anglicismos e com o tema tratado nos textos. Por isso, adequamos o questionário disponibilizado pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica de 2018, no qual os alunos puderam esclarecer algumas questões que serviram para entendermos melhor algumas particularidades que ocorreram no desenvolvimento das atividades e que estão apresentadas no capítulo de análise da sequência didática. A seguir, apresentaremos as respostas por meio de porcentagem:

Em relação à pergunta sobre o lugar onde vivem, 80% da turma afirmou que reside em zona rural e trabalha na agricultura e/ou pecuária, ajudando os pais. Em relação a bens de consumo, obtivemos o resultado abaixo:

Tabela 1. Bens de consumo

	SIM	NÃO
TV em cores	80%	20%
Computador	20%	80%
Acesso à internet em casa	60%	40%
<i>Smartphone</i>	50%	50%
Acesso à internet pelo celular	90%	10%

Fonte: Autoria própria

Como podemos observar, o número de alunos que têm acesso à internet pelo celular supera a quantidade de *smartphones*. Ao serem questionados a respeito, os alunos explicaram que acessam à internet em *smartphones* de familiares, esporadicamente.

Além disso, os alunos também responderam questões sobre a participação dos pais e familiares em sua vida escolar, além do conhecimento que eles têm em relação à leitura e escrita, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2. Participação da família na vida escolar dos alunos.

	SIM	NÃO
- Sua mãe, ou a mulher responsável por você, sabe ler e escrever?	100%	-
- Você vê a sua mãe, ou a mulher responsável por você, lendo?	100%	-
- Seu pai, ou o homem responsável por você, sabe ler e escrever	80%	20%
- Você vê o seu pai, ou o homem responsável por você, lendo?	80%	20%
- Seus pais ou responsáveis incentivam você a estudar?	90%	10%
- Seus pais ou responsáveis incentivam você a fazer o dever de casa e/ou os trabalhos da escola?	90%	10%
- Seus pais ou responsáveis incentivam você ler?	90%	10%
- Seus pais ou responsáveis incentivam você a ir à escola e/ou não faltar às aulas?	80%	20%
- Seus pais ou responsáveis conversam com você sobre o que acontece na escola?	90%	10%

Fonte: Autoria própria

De acordo com as respostas dos alunos, apenas 50% das mães ou responsáveis dos estudantes e 40% dos pais ou responsáveis concluíram o ensino médio. Apesar de nem todos os pais ou responsáveis não terem concluído os estudos na educação básica, a maioria procura incentivá-los a estudarem e se dedicarem na escola, como mostra a tabela 2.

O questionário também serve de base para entendermos com que frequência os alunos têm lido, como apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 3. Frequência de leitura.

Com qual frequência você lê:	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
Jornais	10%	30%	60%
Livros em geral	30%	60%	10%
Livros de literatura	10%	60%	30%
Revistas em geral	10%	30%	60%
Revistas em quadrinhos (gibis)	40%	40%	20%
Revistas de comportamento, celebridades, esporte ou TV	20%	20%	60%
Notícias na internet (ex.: blog, notícia)	40%	60%	-

Fonte: Autoria própria

De acordo com os dados, observamos que a turma ainda não lê com frequência e a falta de interesse pela leitura atrapalha o desenvolvimento da aprendizagem. O questionário também apresenta que 30% dos estudantes gasta menos de 1 hora navegando na internet ou jogando jogos eletrônicos; 30% afirmou gastar entre 1 e 2 horas; 10% gasta mais de 2 horas,

até 3 horas; 20% gasta mais de 3 horas e 10% não vê TV, não navega na internet e não joga jogos eletrônicos.

4.2. A receptividade dos alunos

A forma como os alunos recebem as atividades propostas e participam das aulas – ou não, influencia diretamente nos resultados da pesquisa. Podemos observar que as queixas de professores em relação à dificuldade de se relacionarem com os alunos têm aumentado a cada ano, interferindo, assim, no processo de ensino e aprendizagem.

Mesmo diante de tais problemas, que inclusive fazem parte da unidade escolar em que atuamos, a turma escolhida se mostrou aberta e acessível à pesquisadora. Desde o primeiro instante, no qual foram expostos os objetivos da pesquisa, assim como a explanação a respeito da importância do estudo do léxico nas aulas de língua portuguesa, os alunos aceitaram participar e contribuir para a realização de todas as atividades que, posteriormente, seriam propostas.

Antes de iniciar a aplicação da pesquisa, procuramos conversar com a turma para informá-la a respeito do que seria trabalhado nas aulas subsequentes. Na primeira aula, conversamos sobre o conceito de anglicismo, até então desconhecido por todos os alunos. Após entenderem que essas expressões fazem parte do seu cotidiano, alguns alunos se familiarizaram com o tema proposto, com os assuntos que seriam abordados nas atividades; grande parte da turma teve dificuldades para compreender.

Além de anglicismos, alguns conceitos não faziam parte do vocabulário dos alunos; nenhum deles ouviu falar em léxico ou entradas do dicionário, o que já era esperado, uma vez que são termos técnicos mais restritos à área de conhecimento, pouco comuns ao falar de estudantes que não estejam familiarizados com a Linguística como ciência.

O dicionário, pouco utilizado nas aulas de língua portuguesa, era conhecido pela turma como um livro que só é consultado quando surge uma palavra desconhecida. Quando souberam que utilizariam os dicionários da escola nas atividades que seriam propostas, muitos pensaram que seriam feitas como o de costume, segundo eles: pesquisariam o significado das palavras e escreveriam no caderno, de forma mecânica e sem direcionamento.

O histórico da turma é interessante: há pouco mais de um ano, os alunos foram considerados pela direção os mais difíceis, inquietos e efusivos da escola. O esforço dos docentes contribuiu para que a turma se envolvesse mais nas aulas e, além disso, para que os pais estivessem mais presentes. Hoje nos deparamos com muitos alunos que estão dispostos a aprender, a contribuir para que haja, de fato, a aprendizagem, o que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

4.3. O primeiro contato dos alunos com os textos propostos

Textos são pensamentos sobre pensamentos, palavras sobre palavras, qualquer conjunto coerente de signos; onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento, conforme Bakhtin (1997, p. 329,330). O autor salienta que, independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida, o que nos levou a escolher os textos trabalhados na sequência.

Os textos escolhidos que serviram de base para a sequência didática proposta têm como tema principal as redes sociais, tendo em vista a recorrente presença de anglicismos na internet. A influência da língua inglesa é notória, especialmente neste veículo de informação, o que nos levou a escolher gêneros jornalísticos informativos. Como afirmam Genouvrier e Peytard (1974, p. 18), sempre que procuramos estabelecer entre o meio social e nossa atividade um relativo equilíbrio, é à língua que recorremos; escolhemos, como exemplos, os meios que usamos para conhecer os acontecimentos do mundo: o jornal que lemos, a rádio que ouvimos.

Segundo Genouvrier e Peytard (1974, p. 19), a primeira razão para encontrar uma pedagogia do português é: conduzir o educando entre os signos da língua, para que compreenda o período contemporâneo, e para que aceda lucidamente ao passado a cultura se enraíza. Os textos utilizados na pesquisa foram escolhidos com vistas a essa compreensão do agora, das novas tecnologias, ao conhecimento do que pode parecer democrático, mas muitas vezes não é.

Ao iniciarmos a leitura do texto “Como a internet está mudando as amizades”, os alunos foram questionados sobre o título do texto. Para eles, a internet tem mudado os relacionamentos; positivamente, estreitando os laços e facilitando a comunicação entre

pessoas, mesmo distantes geograficamente, e negativamente, tornando as amizades superficiais.

Apesar de, nos últimos anos, a internet ter crescido e alcançado grande parte da população, há muitas pessoas que ainda não têm acesso a ela, sendo completamente alheios à maioria das redes sociais e sites da *web*. Esse foi, sem dúvida, um dos pontos que mais nos chamou a atenção durante a aplicação da pesquisa: a maioria da turma não tem acesso à internet; além disso, muitos não conhecem grande parte das redes sociais e os que fazem parte de alguma as acessam esporadicamente, como mostram as respostas ao questionário socioeconômico apresentadas. Esse cenário comprova que o acesso à internet ainda não é democrático, se observarmos realidades distintas em uma mesma escola, essa desigualdade provavelmente é representativa do que ocorre também na cidade, estado, no país como um todo.

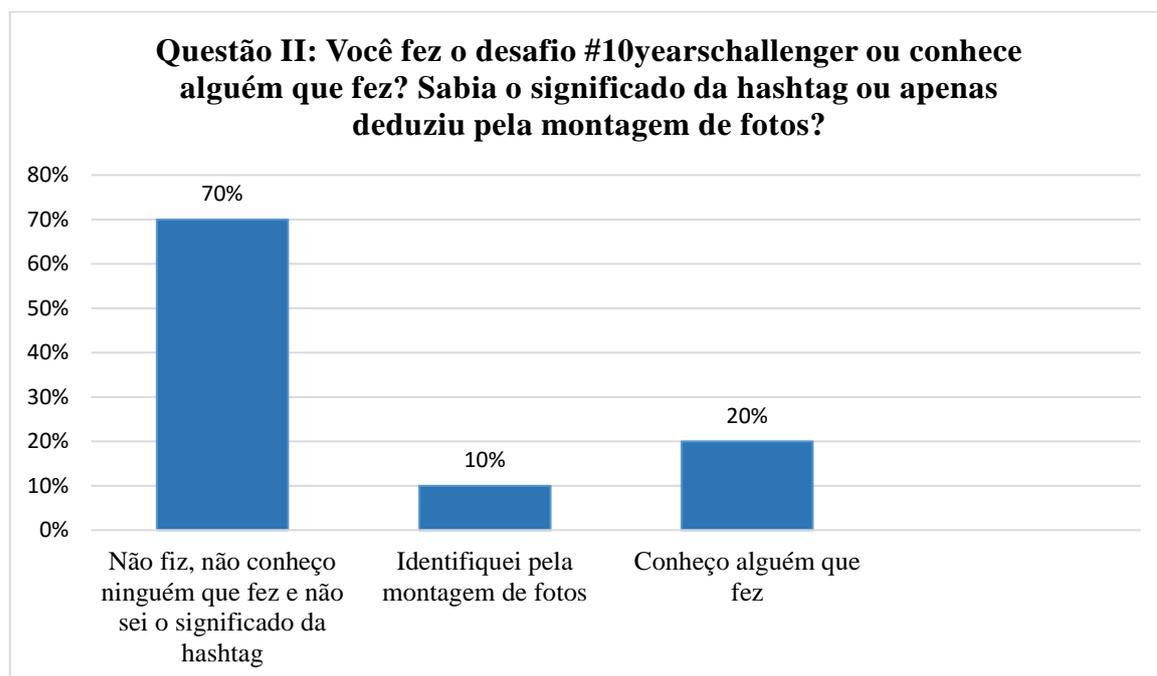
Não há como negligenciar o contexto dos textos lidos, do momento em que temos vivido após os avanços tecnológicos, assim como a realidade na qual os alunos se encontram. Observamos, portanto, uma discrepância entre tais circunstâncias, que foi reverberada na compreensão dos textos durante toda a aplicação da pesquisa.

O segundo texto lido, “O ‘Desafio dos 10 anos’ no Facebook é realmente uma cilada?”, diz respeito à análise de um desafio que envolveu muitos usuários das redes sociais: um “antes e depois” em um intervalo de 10 anos. Quando questionados sobre tais publicações, apenas quatro alunos souberam do que se tratava. Como a maioria não tem acesso à internet e não faz uso diário do Facebook, não tem conhecimento sobre o que é exposto, o que dificultou a compreensão do texto.

O texto II nos faz pensar a respeito das informações dos usuários expostas através dos desafios nas redes sociais. De acordo com o autor, o desafio de compartilhar fotos poderia ser só mais um artifício de empresas de tecnologia para alimentar algoritmos de reconhecimento facial. Poucos alunos tinham conhecimento a respeito do assunto; a maioria nunca havia pensado sobre o perigo que corremos ou não ao compartilhar informações na internet.

Na atividade proposta após a leitura do texto II, ao serem questionados se fizeram o desafio #10yearchallenge ou se conheciam alguém que fez, todos os alunos responderam que não haviam feito; quatro conheciam alguém que fez, como apresenta o gráfico abaixo:

Gráfico 1. Desafio #10yearschallenger



Fonte: Autoria própria

Como demonstrado no gráfico, a maioria dos alunos sequer conhecia o assunto do qual o texto tratava. Isso impactou em certa medida o desenvolvimento da atividade, já que foi preciso contextualizar o tema com mais profundidade, o que nos mostra que pudemos trazer conhecimentos novos por meio do vocabulário. No que se refere ao anglicismo que norteia o texto, #10yearchallenge, explicamos que se tratava de um desafio sobre a mudança de 10 anos das usuáries do Facebook, de 2009 a 2019, no qual foram publicadas fotos para comparação. Alguns alunos não tinham conhecimento a respeito do símbolo #.

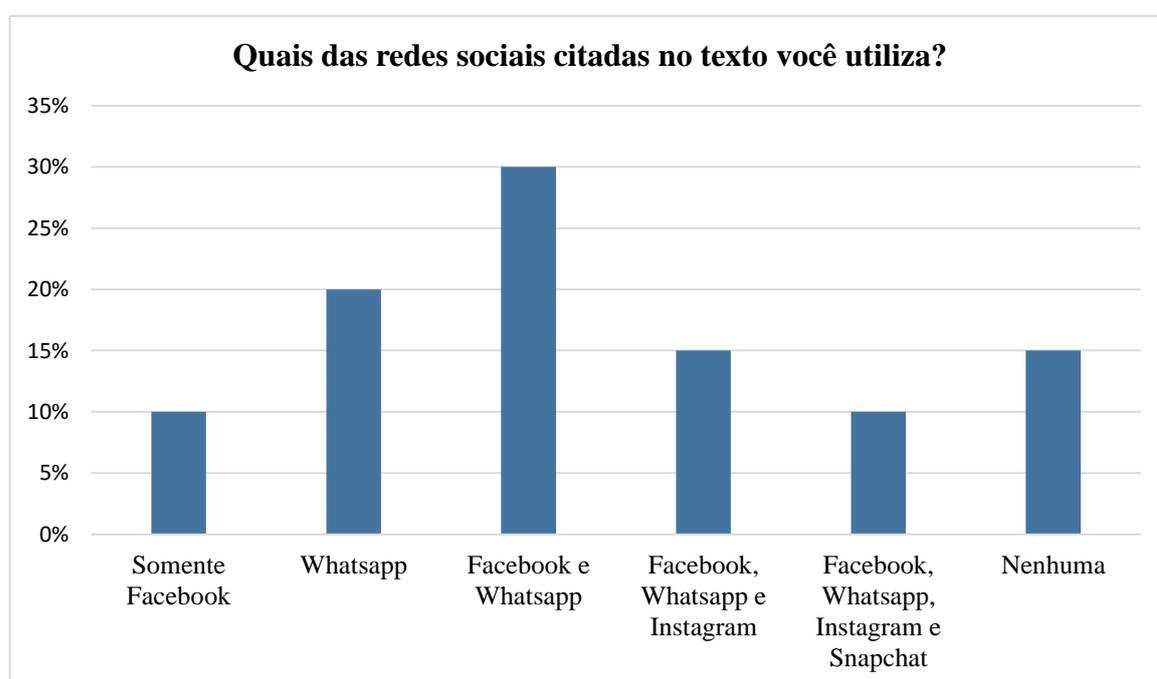
Dentre os textos lidos, o conteúdo do texto III “Hootsuite apresenta 6 tendências das redes sociais para 2019” se mostrou mais distante da realidade dos alunos, visto que nenhum deles conhecia o Hootsuite, um *Network Management* que gerencia facilmente as contas em diferentes redes sociais. Apesar disso, ao lerem os parágrafos, os alunos foram se familiarizando com alguns anglicismos, como os nomes próprios Google, Facebook, Fake News e Stories, que foram vistos nos textos I e II e se tornaram expressões comuns ao convívio dos estudantes.

O texto III apresenta um problema recorrente nos últimos anos: as Fake News. Ao serem questionados a respeito, os alunos se mostraram conhecedores das notícias falsas espalhadas

na mídia, principalmente sobre pessoas famosas ou que exercem cargos políticos, mesmo que alguns não fizessem parte das redes sociais mais utilizadas e grande parte da turma não acesse com frequência; isso se deve ao fato de todos terem acesso aos programas televisivos, que são o canal de informação mais próximo a eles, além do rádio.

Na atividade baseada no texto III, os alunos foram questionados sobre quais redes sociais citadas no texto eles utilizam:

Gráfico 2. Redes sociais utilizadas pelos alunos pesquisados.



Fonte: Autoria própria

No gráfico acima é possível perceber que a maioria dos alunos utiliza o Facebook e o Whatsapp; apesar disso, 15% da turma não utiliza nenhuma rede social. Tais dados explicam por que, ao serem questionados a respeito dos anglicismos citados nos textos, os alunos tiveram dificuldades para responder, uma vez que o acesso a essas redes ainda é limitado.

O texto IV, cujo título é “Nada de Tinder: jovens estão usando Google Docs para paquerar na escola”, aborda um tema que costuma chamar a atenção dos adolescentes: paquera na internet. O autor apresenta um mecanismo que os alunos norte-americanos têm utilizado para driblar os professores e flertar durante as aulas: o Google Docs. A ferramenta é utilizada para

compartilhamento de dados que, neste caso, se transformam em uma conversa na qual não se sabe quem está falando, ou melhor, digitando. Somente 10% da turma se mostrou conhecedora da ferramenta; a grande maioria não sabia do que se tratava.

4.4. A produtividade das atividades propostas para a aprendizagem dos anglicismos

A expressão oral e escrita é frequente nas aulas de qualquer disciplina, desde o ensino infantil. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 95) afirmam que é possível se ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares.

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isto que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY (2004, p. 96)

Com base na estrutura da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), mas com as adaptações já mencionadas, elaboramos uma série de atividades voltadas aos anglicismos, com vistas à ampliação lexical dos alunos. A primeira atividade realizada foi a elaboração de um mural de anglicismos, no qual a turma inseriu palavras de origem inglesa observadas nas ruas de Couto de Magalhães, em programas e propagandas de televisão, em livros, revistas e jornais, redes sociais, videogames, dentre outros. A aceitação foi unânime e mesmo aqueles que não conheciam muitos anglicismos colaboraram com a realização da atividade proposta.

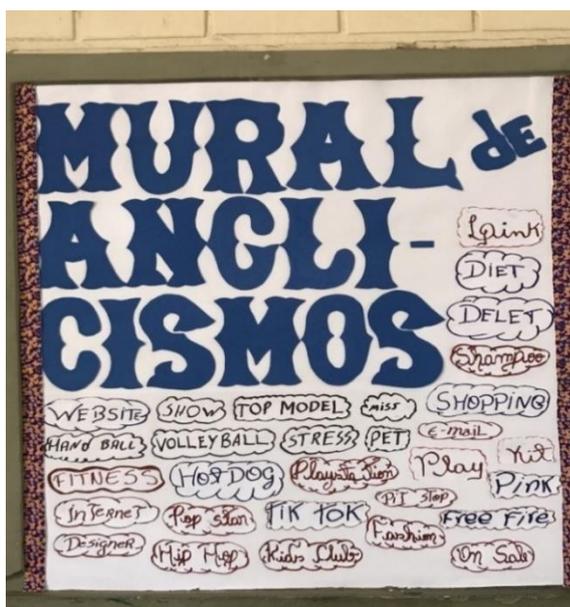
Figura 12: Imagem - Alunos realizando a Produção inicial: Elaboração do Mural de Anglicismos



Fonte: Autoria própria

A foto anterior mostra o momento em que a turma foi dividida em grupos para a seleção dos anglicismos que comporiam o mural; para evitar a repetição de palavras, os grupos interagiram entre si. As salas de aula não têm estrutura adequada para fazermos murais, por isso utilizamos a lateral do quadro branco. O resultado está na foto a seguir:

Figura 13: Imagem - Mural de Anglicismo

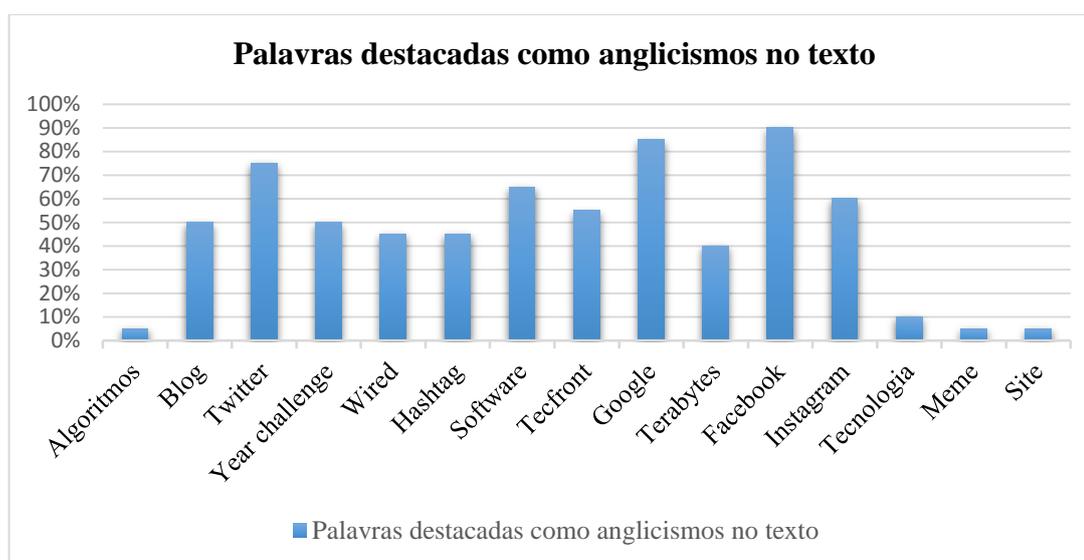


Fonte: Autoria própria

Se analisarmos as palavras escolhidas, veremos que fazem parte do cotidiano da maioria dos brasileiros, o que demonstra a influência que a língua inglesa tem na vida dos alunos e também dos moradores de Couto de Magalhães, o que transpassa o que se vê na internet e nos jogos de videogame.

A terceira atividade, baseada no texto “O ‘Desafio dos 10 anos’ no *Facebook* é realmente uma cilada?”, trouxe alguns questionamentos a respeito dos anglicismos presentes no texto, além do desafio proposto nas redes sociais. A primeira questão respondida pelos alunos trata-se dos anglicismos presentes no texto que poderiam ser adaptados à Língua Portuguesa, os chamados empréstimos linguísticos. A princípio, cada aluno destacou no texto os anglicismos que conseguiu identificar, como apresentamos no gráfico abaixo:

Gráfico 3. Palavras destacadas como anglicismos no texto.



Fonte: Autoria própria

Como podemos observar, os anglicismos que mais foram destacados pelos alunos são aqueles que estão relacionados à internet. Algumas das palavras anteriores não são anglicismos, como “algoritmos”, de origem árabe e “tecnologia” e “meme”, de origem grega e, além disso, já estão incorporadas à língua portuguesa; supomos que, como são palavras desconhecidas por alguns alunos, estes as associaram à língua inglesa.

Figura 14: Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem

Atividade

1. Destaque os anglicismos presentes no texto. Quais deles podem ser adaptados à Língua Portuguesa?

Twitter, Facebook, Instagram, Software, Google, não pode

2. Você fez o desafio #10yearchallenge ou conhece alguém que fez? Sabia o significado da hashtag ou apenas deduziu pela montagem de fotos?

não, não conheço alguém que fez, não sei o significado

Fonte: Autoria Própria

Figura 15: Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem

Atividade

1. Destaque os anglicismos presentes no texto. Quais deles podem ser adaptados à Língua Portuguesa?

Google pode ser por Gugol, blog pode e can-
al,

2. Você fez o desafio #10yearchallenge ou conhece alguém que fez? Sabia o significado da hashtag ou apenas deduziu pela montagem de fotos?

Não fiz, não conheço, não sei o que
significa

Fonte: Autoria Própria

Figura 16: Atividade sobre anglicismos no gênero reportagem

Atividade

1. Destaque os anglicismos presentes no texto. Quais deles podem ser adaptados à Língua Portuguesa?

Facebook - Google - Terabyte - Terpent - blog - Twitter -
Instagram - algoritmos - Kate O'Neill - wind - hashtag -
Software - Bill Clinton - Davidson.

2. Você fez o desafio #10yearchallenge ou conhece alguém que fez? Sabia o significado da hashtag ou apenas deduziu pela montagem de fotos?

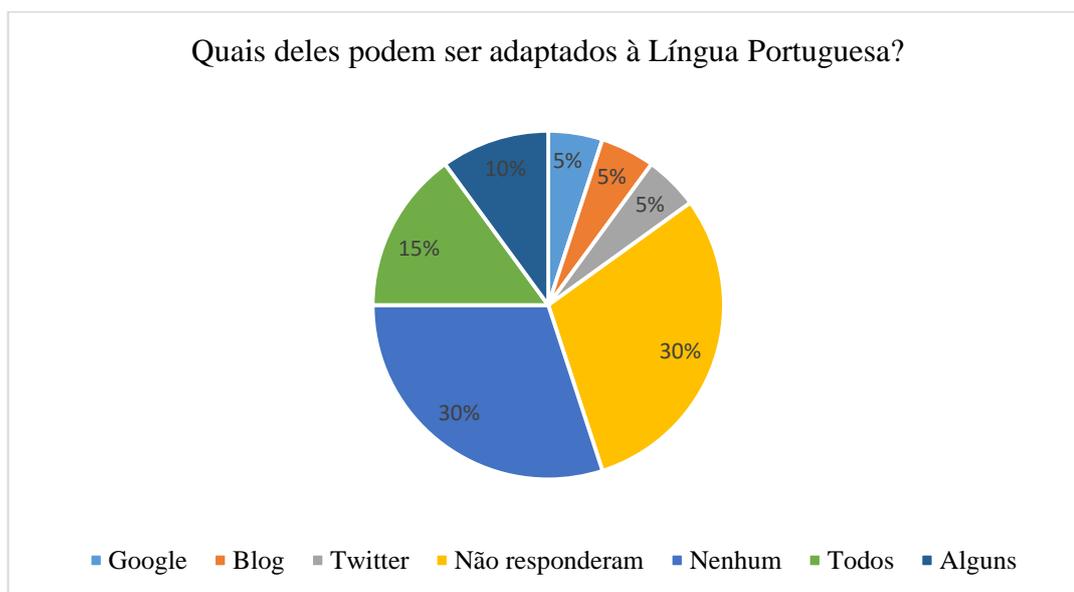
mas sabia

Ativar o Window:

Fonte: Autoria Própria

Após o destaque dos anglicismos, os alunos foram questionados a respeito dos anglicismos identificados, se estes poderiam ser adaptados à Língua Portuguesa. A maioria da turma acredita que os anglicismos destacados não podem ser adaptados; alguns sugeriram adaptações para *Google* - “Gugol” e Blog – “canal”.

Gráfico 4. Anglicismos que podem ser adaptados à Língua Portuguesa



Fonte: Autoria própria

Podemos considerar que na resolução dessa atividade ainda houve muitas dúvidas a respeito do que são anglicismos e empréstimos, tendo em vista que um número considerável de alunos não soube responder à questão. Além disso, precisamos considerar que, como explica Santos (2006, p. 3), os vocábulos ingleses são de assimilação mais difícil, devido às marcadas diferenças no sistema fônico-fonológico, na pronúncia, combinada com as peculiaridades da ortografia e na estrutura morfológica, o que também dificulta a associação dessas palavras aos empréstimos.

A segunda questão da atividade teve como objetivo identificar os anglicismos que fazem parte do vocabulário dos alunos, especialmente os que são utilizados em redes sociais. Apesar de serem expressões conhecidas por muitos adolescentes brasileiros, a maioria da turma teve dificuldades para responder, o que nos fez refletir sobre a realidade na qual os nossos estudantes estão inseridos. Mesmo com as novas tecnologias, ainda há milhares de brasileiros que não fazem parte desse mundo globalizado, que estão às margens da sociedade, que não têm a oportunidade de conhecer esse universo da internet e das redes sociais.

Na quarta aula foi proposta uma apresentação de *slides*, na qual haveria fotos de anúncios publicitários, lojas e propagandas que contêm anglicismos. Muitas escolas da rede pública de ensino não têm a estrutura adequada para a realização de atividades como essa, não dispõem de auditórios ou salas de vídeo, como é o caso da escola em questão. Devido a isso, nos programamos para usar a lousa digital que se encontra no laboratório da escola, mas a mesma não estava funcionando. Além desse imprevisto, o *data-show* que os professores utilizam estava com problemas, o que nos levou a agrupar os alunos ao redor de um *notebook*.

Mesmo com muito planejamento e organização, situações como essa apareceram, mas não impediram o desenvolvimento da atividade. A turma apresentou dificuldades para compreender palavras como “sale”, “shop” e “off”, que são comuns em vitrines de lojas, mas não na cidade de Couto de Magalhães, o que explica o que dissemos anteriormente, pois o acervo vocabular de um indivíduo é reflexo da sua vivência, do conhecimento adquirido ao longo do tempo, dos seus relacionamentos e experiências. Como explica Dargel (2011, p.27), mesmo se fizermos parte da mesma comunidade linguística, não teremos os mesmos conhecimentos linguísticos, visto que cada falante possui uma realidade diferente e, portanto, um repertório linguístico próprio, o que explica o porquê de alguns alunos conseguirem identificar os anglicismos e outros não.

A quinta atividade, o caça-palavras dos empréstimos linguísticos, não é um simples exercício de memorização que faz bem ao cérebro; propomos, antes de tudo, a correspondência entre as palavras em português e em inglês. Para que encontrassem os empréstimos no caça-palavras, os alunos tiveram que identificá-los, baseando-se nos anglicismos apresentados. Se não soubessem as palavras correspondentes aos anglicismos em português, não conseguiriam saber que palavras procurar no quadro. Somente dois alunos escreveram todos os empréstimos, mas nem todos estavam corretos; a maioria da turma não conseguiu encontrar as palavras em português.

Um dos anglicismos, “like”, nos chamou a atenção pelo fato de alguns alunos escreverem “gostei” em vez de “curtir”, devido ao uso da expressão no Facebook, o que ocorreu com outros anglicismos, como nos mostra a tabela abaixo:

Tabela 4. Respostas do caça-palavras dos empréstimos linguísticos.

Anglicismos	Empréstimos	Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3
<i>Like</i>	Curtir	Gostei	-	-
<i>Best Friend</i>	Melhor amigo	-	-	-
<i>Download</i>	Baixar	-	-	-
<i>Crush</i>	Paquera	Namorado	-	-
<i>Shampoo</i>	Xampu	Creme	-	-
<i>Shopping</i>	Centro de compras	Loja	-	-
<i>Fake</i>	Falso	-	-	-
<i>Style</i>	Estilo	-	-	-
<i>Show</i>	Apresentação	Festa	-	-
<i>Make up</i>	Maquiagem	-	-	-
<i>Fit</i>	Em forma	Academia	Musculosa	-
<i>Stress</i>	Estresse	-	-	-
<i>Look</i>	Roupa	-	-	-
<i>Bye</i>	Tchau	Adeus	-	-
<i>Login</i>	Acesso	Navegar	Atualizar	Entrar
<i>Brother</i>	Irmão	Amigo	-	-
<i>Off</i>	Desconto	Desligado	Promoção	-
<i>Top Model</i>	Modelo	Top Modelo	-	-

Fonte: Autoria própria

As colunas de respostas 1, 2 e 3 apresentam o que alguns alunos escreveram, o que para eles significam esses anglicismos. As respostas mostram que os alunos têm conhecimento, mesmo que superficial ou vago, a respeito dos anglicismos estudados, há uma noção da semântica das palavras, como nos casos de “Fit” e “Brother”: a palavra “academia”, uma das escolhidas pelos alunos para referir-se ao anglicismo “Fit”, pode ter sido relacionada

pela turma ao que podemos ver nos letrados das academias brasileiras; o vocábulo “musculosa” pode ter sido associado pelo alunos ao estereótipo de “musa fitness”, expressão muito comum na internet e entre os frequentadores de academias. A palavra “amigo”, colocada pelos alunos como empréstimo de “brother”, é muito utilizada nesse sentido pelos brasileiros, tendo em vista que se chamamos alguém de “brother”, temos uma relação de amizade com ele.

A sexta aula, baseada no texto “Hootsuite apresenta 6 tendências das redes sociais para 2019”, tem como gênero predominante a entrevista, na qual, em duplas, os alunos responderam algumas perguntas sobre o uso de anglicismos e das redes sociais. Como apresentamos nas respostas abaixo, alguns alunos ainda não as utilizam.

Figura 17: Atividade “Entrevista: o que você sabe sobre as redes sociais?”

cansaram disso e estão começando a exigir mais qualidade nos conteúdos, pedindo uma maior transparência em troca de seu tempo e suas informações.

É como se as redes sociais começassem a voltar às raízes, com tudo mais real, mais pessoal e mais autêntico.

Entrevista

O que você sabe sobre as redes sociais?

Colega entrevistado: Vicellyanny de Farias R.

1. Quais das redes sociais citadas no texto você utiliza?

Instagram

2. Você concorda com o autor do texto quando ele diz que os Stories devem superar os feeds como a principal maneira de as pessoas compartilharem coisas com amigos em 2019? Você faz mais postagens nos Stories ou no feed?

Não, não faz

3. Quais são as hashtags que você mais utiliza nas suas postagens?

Instagram

4. Qual das redes sociais citadas no texto é a sua preferida? Por quê?

Instagram

5. Quais os tipos de conteúdo você mais gosta de ver nas redes sociais? Cite alguns.

Instagram

6. Há no texto algum anglicismo que você não conhece? Qual(is)?

sim, post company, Hootsuite, feed, nichat e RR, banners, split

Ativa
Acess

Outros, porém, as utilizam com frequência:

Figura 18: Atividade “Entrevista: o que você sabe sobre as redes sociais?”

cansaram disso e estão começando a exigir mais qualidade nos conteúdos, pedindo uma maior transparência em troca de seu tempo e suas informações.

É como se as redes sociais começassem a voltar às raízes, com tudo mais real, mais pessoal e mais autêntico.

Entrevista

O que você sabe sobre as redes sociais?

Colega entrevistado: Jenanda Hillary

1. Quais das redes sociais citadas no texto você utiliza?
Facebook, Whatsapp, Instagram, Snapchat

2. Você concorda com o autor do texto quando ele diz que os Stories devem superar os feeds como a principal maneira de as pessoas compartilharem coisas com amigos em 2019? Você faz mais postagens nos Stories ou no feed?
não, os feeds são tão usados como os Stories

3. Quais são as hashtags que você mais utiliza nas suas postagens?
#TBT #Quero-Reply #Amar

4. Qual das redes sociais citadas no texto é a sua preferida? Por quê?
Instagram, acho mais organizado e tem melhores post

5. Quais os tipos de conteúdo você mais gosta de ver nas redes sociais? Cite alguns.
paginas de humor, Moda, Reflexão e bad

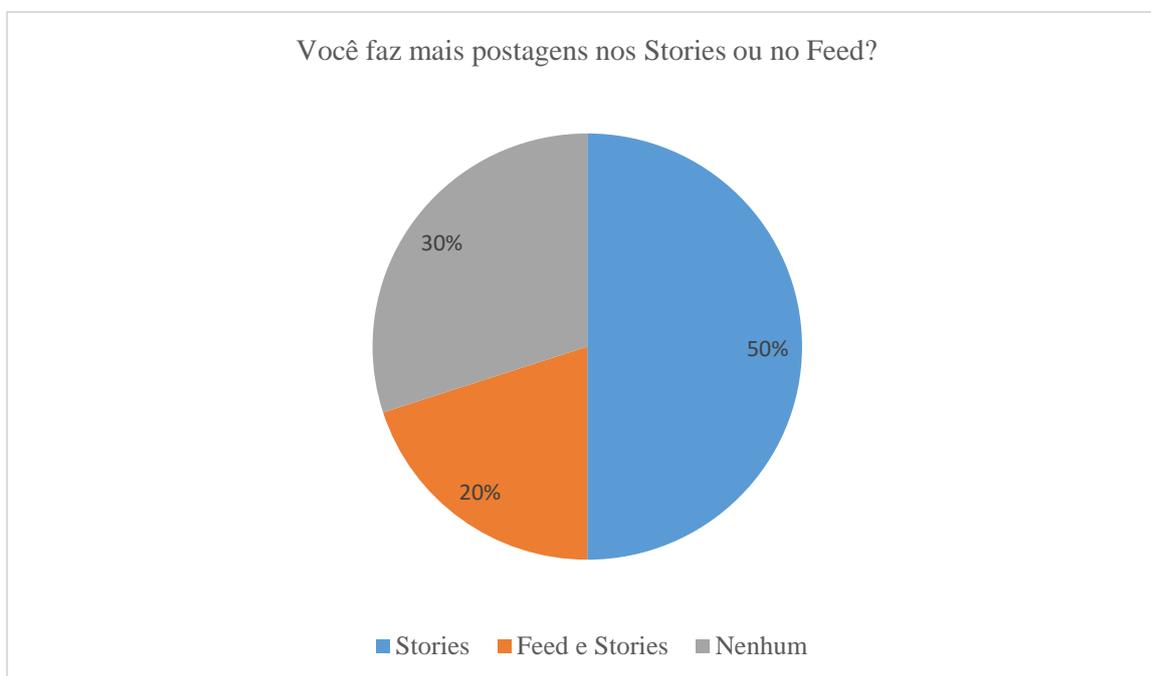
6. Há no texto algum anglicismo que você não conhece? Qual(is)?
não; conheço todos

Ativa

Fonte: Autoria Própria

Uma das perguntas se refere às postagens nos Stories, que são uma ferramenta utilizada em algumas redes sociais para a postagem de fotos que ficam visíveis apenas por 24h. Metade da turma concorda que os Stories vão superar as postagens do Feed, como afirma o autor do texto lido na aula.

Gráfico 5. Postagens nos stories ou no feed.



Fonte: Autoria própria

O gráfico anterior mostra que metade da turma utiliza a ferramenta defendida pelo autor do texto, embora 30% da turma não a utilizam em nenhuma rede social. Mais uma vez podemos observar que a internet não faz parte do cotidiano de muitos estudantes, o que os distancia também do vocabulário utilizado pelos internautas.

Dentre as perguntas respondidas na atividade, há uma relacionada à hashtag, que é uma palavra ou frase precedida por um símbolo de cerquilha (#), utilizada em sites de mídias sociais e aplicativos, especialmente no Twitter, para identificar mensagens sobre um tópico específico, como explica o Dicionário Oxford. Apenas 40% dos alunos afirmaram que usam hashtags em postagens, como #bomdia, #boanoite, #sextou e #amor. Dos vinte estudantes que responderam a questão, dois destacaram uma expressão em inglês que é muito popular nas redes sociais: #tbt, que significa throw back Thursday, ou seja, de volta à quinta-feira; é usada para postagens de fotos antigas, para lembrar o passado às quintas-feiras.

Muito utilizada pelos internautas brasileiros, o significado da hashtag #tbt ainda é desconhecido por grande parte dos usuários das redes sociais no Brasil, que a usam em outros dias da semana, em fotos atuais, em postagens que não se encaixam na expressão. Tal

comportamento confirma que o falante tem a ilusão de obter um certo prestígio social, adotando assim não só os vocábulos, mas fazendo parte de um grupo social.

Ao serem questionados sobre as redes sociais que mais utilizam, a maioria dos alunos afirmaram que utilizam o Whatsapp, devido a sua praticidade e também por ele dar privacidade às pessoas. Como apresentamos no questionário socioeconômico, 50% da turma não possui e 40% não tem acesso à internet em casa, mas muitos utilizam celulares de familiares. Os conteúdos mais vistos pela turma vão desde as postagens de usuários famosos até páginas de humor, moda e vídeos.

Apesar de termos feito a leitura do texto antes de iniciarmos a atividade e conversarmos sobre o assunto, quando questionados a respeito dos anglicismos desconhecidos presentes no texto, alguns alunos citaram “Hootsuit”, “Snapchat”, “Stories”, “Fake News” e “Feed”, expressões já citadas anteriormente em outras atividades.

A atividade 7 foi, sem dúvida, a que mais gerou reboliços, não só na turma, mas em toda a escola. Com o intuito de analisar os anglicismos que fazem parte do vocabulário dos alunos, a atividade “Encontre alguém que...” contou com a participação de todos na instituição, desde colegas de turmas diferentes até merendeiras e professores. Cada aluno recebeu a ficha, na qual teriam que colocar nomes de pessoas que praticavam as ações nela mencionadas; nestas havia anglicismos, os quais deveriam ser identificados pelos alunos da turma para que pudessem questionar outras pessoas.

As dificuldades foram visíveis, tendo em vista que, além de não conhecerem todas as expressões, os alunos não sabiam pronunciá-las, o que impossibilitou a comunicação em alguns momentos.

Tabela 5. Resultados da atividade “Encontre alguém que...”

Encontre alguém que...	Respostas obtidas
1. tem um CRUSH:	100%
2. já publicou um CHECK IN no Facebook:	65%
3. já tirou foto no espelho usando o FLASH:	100%
4. detesta FAST FOOD:	50%
5. já fez COOKIE de chocolate:	60%
6. já teve um INSIGHT:	35%
7. que nunca abriu a sua caixa de SPAM:	55%
8. que é TEEN:	60%
9. que deu um UPGRADE no visual em 2019:	50%
10. que adora um HAPPY HOUR:	30%
11. que tem um HOME THEATER:	25%

12. sempre dá FEEDBACK sobre os filmes que assiste:	50%
13. é YOUTUBER:	60%
14. conhece alguém que tem perfil FAKE no Instagram:	40%
15. faz um CHECK UP todo ano:	40%
16. vive reclamando do STRESS:	75%
17. já comeu chocolate DIET:	80%
18. só usa computador se tiver MOUSE:	60%
19. tem um KIT de primeiros socorros:	50%
20. tem um carro com AIR BAG:	65%

Fonte: Autoria própria

A tabela acima apresenta a quantidade de alunos que conseguiu a resposta em cada um dos itens; somente “Crush” e “Flash” fazem parte do vocabulário de toda a turma. Apesar de não haver, no Brasil, nenhuma área do conhecimento ou atividade humana em que hoje em dia o inglês não tenha se infiltrado, como afirma Santos (2006, p. 6), ainda há muitas expressões desconhecidas para grande parte da população. Isso se deve a uma série de fatores como o nível de escolaridade, o lugar onde vivem e a classe social, o que podemos observar na turma em questão. A maioria da turma mora em assentamentos, não têm acesso à Wifi, nunca foram à restaurantes e lanchonetes FastFood, não tem e-mail, quanto mais uma caixa de spam, não tem contato diário com as novas tecnologias; todos esses aspectos são relevantes para a inclusão -ou não - de anglicismos no vocabulário dos alunos.

A aula seguinte, número 8, foi preparada com o objetivo de direcionar o uso do dicionário, partindo de conceitos primários, como entradas e verbetes. De acordo com a turma, até a realização desta atividade nenhum deles tinha conhecimento sobre as nomenclaturas. A princípio, os alunos foram questionados a respeito da definição de dicionário: se é um livro, um documento, um depósito de palavras, dentre outros. Para os alunos, o dicionário não é um livro, porque, para eles, livro conta uma história, contém uma narrativa. Quando questionados se já tiveram a curiosidade de pesquisar palavras desconhecidas no dicionário, a maioria da turma respondeu que não, apesar de todos terem concordado que o dicionário é um instrumento de pesquisa.

Para a turma, o dicionário não é um documento; alguns concordaram que é um depósito de palavras e todos confirmaram que o dicionário é um livro para procurar o significado das palavras, para saber se as palavras existem ou não e como são escritas. Os alunos também foram questionados sobre a pesquisa de xingamentos no dicionário, visto que muitas das palavras chulas e dos insultos que as pessoas falam em seu cotidiano têm o significado voltado à sexualidade; somente alguns disseram já ter pesquisado. A turma já

havia utilizado dicionários nas aulas de Língua Portuguesa e já os identificaram pelas capas. Os autores eram desconhecidos, assim como a diferença entre eles.

A aula 9, intitulada “Encontrando entradas no dicionário”, teve como base o texto “Nada de Tinder: jovens estão usando Google Docs para paquerar na escola”. Como vimos anteriormente, grande parte da turma não tem acesso à internet em casa e, em virtude disso, não fazem parte do “universo online” tão amado por muitos adolescentes brasileiros. Por isso, poucos alunos afirmaram conhecer os aplicativos Tinder, famoso por ser um instrumento de paquera entre as pessoas que querem encontrar um par, e Google Docs, antes utilizado para criar e editar documentos de texto, planilhas e apresentações e agora usado também para a paquera na internet. Nesse caso, já esperávamos que a turma desconhecesse os conceitos relacionados aos nomes dos aplicativos, no caso de Tinder, por causa da faixa etária dos alunos e Google Docs por nomear uma ferramenta mais voltada para usuários de e-mail.

A atividade proposta consiste em duas questões: a primeira questiona parte do que foi estudado na aula anterior, as entradas no dicionário, a fim de constatar se realmente houve aprendizagem em relação aos conceitos apresentados; o resultado se encontra na tabela abaixo:

Tabela 6. O que são as entradas no dicionário

O que são as entradas no dicionário?
1. São as palavras chave da pesquisa.
2. Entrada é a palavra inicial do dicionário.
3. Entrada é a palavra chave do começo que procuramos e o verbete são as informações.
4. Entradas são os nomes principais do que você quer procurar no dicionário.
5. Entrada é a primeira palavra antes da informação.
6. Entrada é a palavra que você procura no dicionário. Ex: “Amar” é uma entrada.

Fonte: Autoria própria

Apesar de alguns não compreenderem o conceito de verbete, podemos afirmar que a maioria conseguiu explicitar o seu entendimento a respeito das entradas no dicionário, utilizando uma linguagem clara e simples, além de exemplo.

Figura 19: Atividade “Encontrando entradas no dicionário”

Atividade

1. O que são as entradas no dicionário?
É a palavra a chance, É o verbete e a entrada e as informações.

2. As palavras abaixo foram tiradas do ~~texto~~ *minidicionário*. Pinte aquelas que aparecem como entradas no dicionário.

CRUSH	CHAT	SMARTPHONE	LINK
FLERTE	WEB	PROBLEMA	FOTO
PROGRAMA	PLATAFORMA	COMPUTADOR/PC	APLICATIVO/APP

*minidicionário
 Exedon
 Língua Portuguesa*

Fonte: Autoria Própria

Figura 20: Atividade “Encontrando entradas no dicionário”

Atividade

1. O que são as entradas no dicionário?
É a palavra que está procurando no verbete e o que vem depois do palavra os exemplos e os exemplos

2. As palavras abaixo foram tiradas do ~~texto~~ *Dicionário da língua portuguesa*. Pinte aquelas que aparecem como entradas no dicionário.

CRUSH	CHAT	SMARTPHONE	LINK
FLERTE	WEB	PROBLEMA	FOTO
PROGRAMA	PLATAFORMA	COMPUTADOR/PC	APLICATIVO/APP

Dicionário da língua portuguesa. Seravia

Fonte: Autoria Própria

A segunda questão exigiu que o conhecimento adquirido na aula teórica fosse demonstrado na prática: foram retirados alguns anglicismos do texto para que os alunos pesquisassem nos sete dicionários que a biblioteca dispõe; cada aluno escolheu um dicionário, sendo todos os sete distribuídos na turma.

Tabela 7. Pesquisa de anglicismos no dicionário.

	Aurélio Júnior	Dicionário Didático	Dicionário Escolar da ABL*	Mini Caldas Aulete	Minidicionário Escolar	Mini Luft	Saraiva Jovem Ilustrado
CRUSH							
CHAT		X	X	X	X	X	X
SMARTPHONE		X		X	X	X	
LINK	X	X	X	X	X	X	X
FLERTE	X	X	X	X	X	X	X
WEB	X	X		X	X	X	X
PROBLEMA	X	X		X	X	X	X
FOTO	X	X	X	X	X	X	X
PROGRAMA		X		X	X	X	X
PLATAFORMA	X	X	X	X	X	X	X
COMPUTADOR/PC	X	X		X	X	X	X
APLICATIVO/APP	X	X	X	X	X	X	

Fonte: Autoria própria

O quadro acima mostra as entradas que os alunos encontraram nos dicionários correspondentes; a primeira, “crush”, não foi encontrada em nenhum deles, ou seja, ainda é um neologismo por empréstimo, o que pode ser justificado por ser utilizado há pouco tempo pelos brasileiros. Palavras como “chat” e “smartphone” são como outros vocábulos que já fazem parte do nosso cotidiano, mas não estão incorporadas ao léxico por muitas vezes não estarem dicionarizadas, como dissemos anteriormente. Isso significa que, na língua portuguesa, ainda não há lexemas equivalentes a esses anglicismos, os quais ainda são falados em sua língua de origem.

Durante a realização dessa atividade, pudemos observar também uma divergência em relação às respostas, tendo em vista que alguns alunos conseguiram localizar as entradas e outros não. Mesmo com as instruções, há alunos que apresentaram dificuldades no manuseio do dicionário, inclusive na procura pela ordem alfabética.

A aula 10 deu continuidade ao que foi proposto na aula 9: selecionamos alguns anglicismos mencionados nos textos e nas atividades anteriores, distribuimos os dicionários selecionados e os alunos marcaram na tabela os que foram ou não encontrados.

Tabela 8. Anglicismos encontrados nos dicionários.

	Aurélio Júnior	Dicionário Didático	Dicionário Escolar da ABL	Mini Caldas Aulete	Minidicionário Escolar	Mini Luft	Saraiva Jovem Ilustrado
BAIXAR	X	X	X	X	X	X	X
FLASH	X	X	X	X	X		X
FITNESS							
ESTRESSE	X	X	X	X	X		X
SHOPPING		X	X			X	
HASHTAG							
SPAM		X	X		X		X
HOME THEATER	X		X		X		
FAST FOOD	X	X	X	X	X		
FEEDBACK		X		X	X		
KIT		X	X	X	X	X	X
MOUSE	X	X	X	X	X	X	X
FEED						X	X
SHOW	X	X	X	X	X	X	X

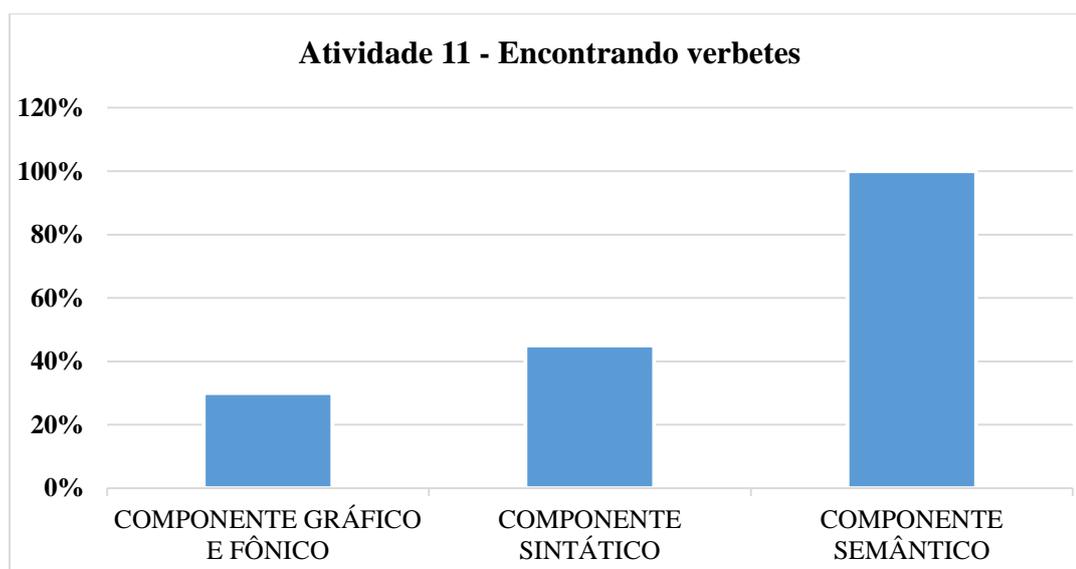
Fonte: Autoria própria

Entendemos que, como Rey-Debove (1984, p. 65) afirma, o critério de importância para a palavra é a frequência. Podemos observar na tabela acima alguns anglicismos que são

muito utilizados, inclusive pela faixa etária dos alunos, mas ainda não foram encontrados nos dicionários selecionados, como “hashtag” e “fitness”, assim como com “crush”, que ainda não foram dicionarizadas.. São palavras encontradas facilmente em fachadas de academias, vitrines, propagandas, anúncios publicitários e, principalmente, nas redes sociais, mas ainda não possuem palavras correspondentes e não foram incluídas na língua portuguesa como empréstimos. Algumas das palavras selecionadas foram encontradas somente em alguns dicionários, como “shopping”, “spam” e “feedback”.

A última atividade trouxe uma proposta um pouco mais complexa para os alunos: encontrar as entradas e escrever todas as informações explicitadas pelos dicionários a respeito delas. Procuramos entender em que ponto está a aprendizagem dos alunos quanto ao manuseio do dicionário, analisando se a turma identificou as abreviaturas, a separação de sílabas, os exemplos, a origem dessas palavras e a pronúncia. Rey-Debove (1984, p. 66) explica que, quanto ao programa de definição sobre cada unidade, há pelo menos três elementos: o componente gráfico e fônico, que é a menção da palavra com sua grafia, seguida de sua pronúncia; o componente sintático, ou seja, a classe de palavra (e, eventualmente, o gênero, o número); o componente semântico, isto é, a definição, ou análise do significado. Para o autor, essas três informações definem tradicionalmente uma unidade lexical, o que serviu de base para analisarmos as respostas dos alunos, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 6. Encontrando verbetes.



Fonte: Autoria própria

Apenas 30% dos alunos identificaram características da grafia, como a separação de sílabas, e a pronúncia das palavras selecionadas, se preocupando mais com o componente semântico, como podemos observar nas respostas abaixo:

Figura 21: Atividade “Encontrando verbetes”

PROBLEMA

Dicionário: Dicionário Didático de língua portuguesa
 Autor: Rogério de Araújo Ramos

1. Omitir que se trata esclarecer ou resolver, em qualquer área do conhecimento humano, e geralmente serve de base para estudo ou discussões acadêmicas ou científicas. 2. situação complexa ou dificuldade

Fonte: Autoria Própria

Figura 22: Atividade “Encontrando verbetes”

CHAT

Dicionário: Mildred Aulete
 Autor: Mildred Aulete

conversa entre usuários de computadores em tempo real, via internet, participi de um chat com o objetivo do filme, both popo. Sala virtual ou ambiente na internet onde usuários participam de um chat, sala de both popo. Entreu no chat para fazer umas animadas (Sm) (chat) Sm. Sm. (t8)

Fonte: Autoria Própria

Figura 23: Atividade “Encontrando verbetes”

BAIXAR

Dicionário: Minidicionário Geslar língua portuguesa

Autor: Alfredo Scottini

V.T. e V. int., pagar duas, diminuir, reduzir,

apurar, cabata.

A

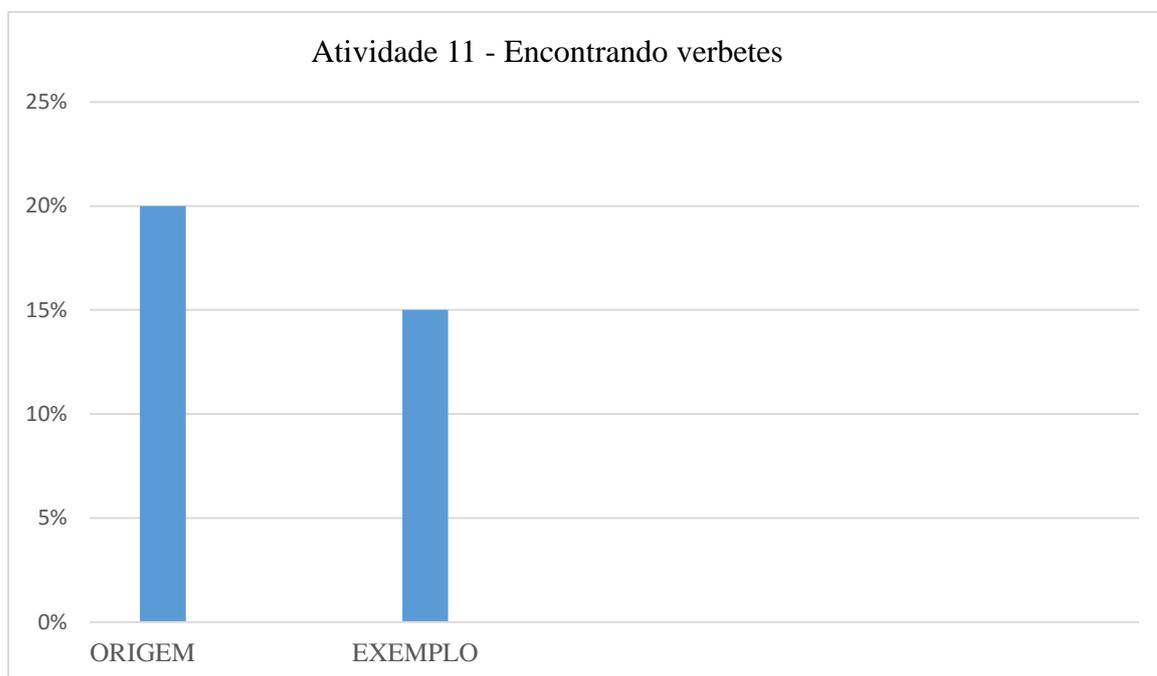
A

V

Fonte: Autoria Própria

Além dos componentes acima, procuramos identificar dois itens imprescindíveis para a análise dessa atividade: a origem das palavras e os exemplos. A origem é essencial para a pesquisa, que tem como base o estudo dos anglicismos, a fim de constatar se há ou não essa informação nos dicionários selecionados e se os alunos conseguiram identificá-la durante a realização da atividade. Rey-Debove (1984, p. 66) afirma que a função do exemplo é muito mais do que mostrar a palavra definida em funcionamento e ministrar provas do que se acaba de afirmar: ela assume na maioria das vezes a informação sintática necessária sobre as restrições seletivas, atenua as deficiências das três informações supracitadas e corrige a brutalidade da nomenclatura reintroduzindo todas as unidades codificadas superiores na palavra gráfica tradicional.

Gráfico 7. Encontrando verbetes – origem e exemplo.



Fonte: Autoria própria

Como nos mostra o gráfico acima, poucos alunos identificaram tais informações a respeito das entradas selecionadas; isso nos mostra que o manuseio do dicionário ainda não é feito de forma completa, a fim de explorar todas as referências.

Mediante todos os resultados apresentados anteriormente, entendemos que o fato de apenas 20% da turma possuir computador em casa, 40% não ter acesso à internet em suas residências e metade não possuir smartphones foi relevante para esta análise; mais que isso, essas informações nos mostraram que as atuais conjunturas expostas pela turma no questionário socioeconômico também estão refletidas em seu contato com os anglicismos, tendo em vista que os têm acesso à internet em casa, seja pelo computador ou smartphone, possuem um vocabulário mais ampliado, comparados aos que não têm. As informações que levantamos através do questionário nos fizeram refletir sobre o porquê de desafios como o #10yearschallenge serem desconhecidos para a maioria da turma, tendo em vista a dificuldade para acessarem esses aplicativos e sites em seu cotidiano.

4.5. Os dicionários e a abordagem aos anglicismos

O uso do dicionário em sala de aula é de grande valia para o estudo do léxico, para a aquisição do vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita. Rey-Debove (1984, p. 45) afirma que a consulta ao dicionário, além da gramática, é uma das maneiras de se aprender uma língua. Costumamos utilizá-lo para tirar dúvidas a respeito da grafia ou do significado das palavras, e muitas vezes não questionamos os seus verbetes, o tendo como incontestável. Mas, como a autora salienta, o dicionário é um dos objetos culturais mais usuais e mais mal conhecidos.

Como Rangel (2006, p.24) explica, fora ou dentro da escola, um dicionário pode prestar muitos e variados serviços, cada um deles associado a um determinado aspecto da descrição lexicográfica, ou seja, do conjunto de explicações que ele fornece sobre cada uma das palavras registradas. A escola em questão possui sete tipos diferentes de dicionários para o ensino fundamental II:

- Saraiva Jovem Ilustrado
- Minidicionário Escolar com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa
- Aurélio Júnior
- Mini Caldas Aulete
- Dicionário Didático
- Mini Luft
- Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras

Precisamos lembrar que o léxico é um componente dinâmico e aberto; como Rangel (2006, p.26) acrescenta, novas palavras surgem a todo momento, para suprir necessidades de expressão também novas; ao mesmo tempo, outros vocábulos se despedem da cena cotidiana para entrar na história da língua e, por isso, por mais que os dicionários queiram atingir a completude, não conseguirão.

De acordo com as circunstâncias que nos são apresentadas surgem novas palavras, as quais são adotadas por um número considerável de pessoas e acabam fazendo parte do léxico. Essas novas palavras incorporadas designam com mais precisão aquilo que é novo,

enriquecendo assim a língua. Não faziam parte do léxico, mas foram incluídas ao longo do tempo, como é o caso dos anglicismos, como dissemos anteriormente.

Os anglicismos selecionados foram retirados dos textos-base da sequência didática, que pertencem a gêneros jornalísticos diversos, os quais direcionaram os alunos à realização das atividades. Nem todas os anglicismos presentes nos textos figuram como entradas nas obras consultadas, o que mostra que, mesmo sendo frequentes e conhecidas, ainda não foram dicionarizadas. Essas palavras, em sua maioria, ainda não foram adaptadas à língua portuguesa, sendo ainda estrangeirismos; também não são utilizadas outras palavras ou expressões equivalentes. Neste contexto, Alves (2004, p. 84) destaca que, se bastante frequente, o neologismo é inserido em obras lexicográficas e considerado parte integrante do sistema linguístico; no entanto, sabemos que os lexicógrafos agem muitas vezes arbitrariamente, ou seja, unidades léxicas muito usadas são esquecidas e outras, pouco difundidas, chegam a fazer parte do dicionário.

Algumas dessas palavras são utilizadas como estrangeirismos há muitos anos, como “show” e “kit”, por exemplo. Sabemos que, mesmo dicionarizadas, é provável que continuarão sendo utilizadas em sua língua de origem, visto que a sociedade está adaptada ao seu significado. Outras, que tornaram-se empréstimos, muitas vezes não são identificadas como de origem inglesa, pois já fazem parte do léxico.

CAPÍTULO V

PRODUÇÃO FINAL: O GLOSSÁRIO

Após a realização e análise das atividades, realizamos a produção final, que é o Glossário Ilustrado de Anglicismos, voltado às séries finais do ensino fundamental II. Este foi desenvolvido por meio das pesquisas realizadas nos sete dicionários mencionados anteriormente e, principalmente, dos anglicismos extraídos dos textos da sequência didática. Com a participação da turma pesquisada, que fez o levantamento dos anglicismos dicionarizados na realização das atividades, selecionamos os 29 anglicismos que constituem a nomenclatura tendo como critério o fato de que ainda não foram adaptados à língua em forma de empréstimos, visto que estes estrangeirismos, apesar de fazerem parte do vocabulário de muitos brasileiros, não possuem unidades lexicais equivalentes na língua portuguesa, além de outros que, mesmo adaptados ao nosso léxico, não possuem o mesmo efeito de sentido em português.

A pesquisa mais aprofundada nos dicionários foi feita pelos alunos na atividade da aula 11 da sequência didática, o que colaborou com o reconhecimento, por parte da turma, das partes que compõem um verbete. O Glossário se aplica ao conjunto de itens de um determinado texto ou obra, por isso, baseados nos cinco textos escolhidos e nas atividades propostas anteriormente, desenvolvemos a produção do Glossário em forma de minilivro, que posteriormente poderá ser utilizado pelos alunos e professores e será disponibilizado na biblioteca da escola. Devido à participação da turma na elaboração do Glossário, cujos alunos são do 9º ano do ensino fundamental, escolhemos não nos prender à extensão da nomenclatura, e sim à estruturação dos verbetes, em detalhar as definições, em propor a nota explicativa e acrescentar todos os elementos que os compõem. Como é voltado para o ensino fundamental, foram incluídas ilustrações relacionadas às entradas; com isso pretendemos que seja mais atrativo e claro para os estudantes que o consultarão.

Após a pesquisa minuciosa em cada dicionário, selecionamos alguns critérios para a elaboração da microestrutura que abriga o verbete. Como apresenta Rey-Debove (1984, p. 66), quanto ao programa de informação sobre cada unidade, comporta pelo menos três elementos: o componente gráfico e fônico, ou seja, a menção de cada palavra e sua grafia, além de sua pronúncia; o componente sintático, isto é, a classe de palavra, seguida de gênero e número; o componente semântico, que é a definição ou análise do significado.

Em nosso Glossário Ilustrado de Anglicismos, cada anglicismo escolhido compõe um verbete, que apresenta os seguintes elementos:

1. Entrada

Os anglicismos escolhidos para formar as entradas foram retirados dos textos e atividades desenvolvidos na sequência didática, como dissemos anteriormente, tendo como critério o fato de serem estrangeirismos e não empréstimos, ou seja, as palavras selecionadas, no contexto da pesquisa, não possuem vocábulos correspondentes em Língua Portuguesa. Por este motivo, após a aplicação da pesquisa e diante das dificuldades apresentadas pelos alunos na realização da mesma, decidimos elaborar o glossário com esses anglicismos.

2. Pronúncia

As descrições grafemáticas inseridas nos verbetes foram retiradas dos dicionários utilizados na pesquisa, os quais fazem parte do acervo da escola em questão:

- Saraiva Jovem Ilustrado
- Minidicionário Escolar com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa
- Aurélio Júnior
- Mini Caldas Aulete
- Dicionário Didático
- Mini Luft
- Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras

Utilizamos o mesmo critério adotado por Ferreira (2012, p.5), cuja pronúncia dos vocábulos de língua estrangeira é feita de maneira simples, de modo a facilitar a compreensão do usuário do dicionário. Algumas foram elaboradas pela pesquisadora, devido à ausência de informações nos dicionários pesquisados.

3. Identificação gramatical

As informações gramaticais inseridas no glossário foram compostas pelas classes de palavras a que os anglicismos pertencem, no contexto da pesquisa, além do gênero e número.

Ao final do glossário apresentamos uma lista com as definições básicas das classes de palavras mencionadas nos verbetes.

4. Definição

As definições que foram utilizadas para compor o verbete têm como base as que foram encontradas nos dicionários pesquisados, assim como a pronúncia. Priorizamos a definição oracional que, como apresenta Rangel (2012, p. 107), é formulada sob a forma de oração em que a entrada faz parte do enunciado definitório. Há também algumas palavras que tiveram sua definição elaborada pela pesquisadora, visto que não foram encontradas em nenhum dos sete dicionários disponibilizados na instituição.

5. Exemplo

Cada verbete contém um exemplo do uso da entrada descrita elaborado por nós. Rey-Debove (1984, p.66) salienta que o exemplo destina-se a mostrar a palavra definida em funcionamento e, em suma, a ministrar provas do que se acaba de afirmar. Há quem leia a definição e não compreenda de fato o sentido da palavra, mas ao ler o exemplo é possível que esclareça suas dúvidas.

6. Nota explicativa

Por ser um Glossário voltado a adolescentes, a linguagem utilizada está de acordo com a faixa etária dos alunos, da forma mais clara e simples possível, a fim de esclarecer as dúvidas a respeito das palavras apresentadas. A nota tem a função de apresentar aos alunos alguns dados históricos, explicações e até curiosidades, para elucidar ainda mais o conceito relacionado ao anglicismo que compõe a entrada.

GLOSSÁRIO ILUSTRADO DE ANGLICISMOS

AIRBAG

[ér bég]

Substantivo Masculino | Singular/Plural (Airbags)



Fonte: 1 - Dreamstime

Nos veículos é um tipo de bolsa que, em caso de colisão, se infla automaticamente, protegendo os ocupantes.

“O airbag foi acionado, quando sofri o acidente.”

Ninguém quer precisar utilizar o airbag, afinal isso acontece quando há um acidente no trânsito, mas esse componente de segurança é muito importante. Quando o carro desacelera brutalmente ou há de fato o acidente, o dispositivo do airbag é acionado e uma grande bolsa de ar protege o passageiro, evitando, assim, danos maiores.

BFF

[bést frend forévâr]

Adjetivo invariável/ Substantivo feminino/masculino | Singular/Plural (Best Friends Forever)

Melhor amigo/amiga. BFF - Best friend forever (melhor amigo pra sempre)

“Adoro assistir TV com a minha BFF”.

Apesar de utilizarmos a expressão melhor amigo(a) em português, a sigla BFF é muito comum na internet, especialmente nas redes sociais. Expressões como essa são usadas, principalmente por adolescentes, porque estão na moda, fazem parte do “internetês”, a linguagem da internet.

BROTHER

[bróder]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Brothers)

Amigo muito próximo, parceiro, com quem se pode contar.

“O João é meu brother!”

Brother, em português, significa “irmão”. Apesar de não haver parentesco, há pessoas com quem podemos contar, em quem confiamos, que são amigas verdadeiras. Essa expressão é utilizada informalmente, como gíria.

CHAT

[tché]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Chats)

1. Conversa de usuários de computador, via internet.

“Particpei de um chat com o autor principal do filme.”

2. Sala virtual ou ambiente na internet onde usuários participam de conversas; sala de bate-papo.

“Entrando num chat, você pode fazer novas amizades.”

Chat, em português, quer dizer “bate-papo”. No início dos anos 2000 era comum os jovens conversarem por horas em salas de bate-papo na internet. O objetivo dos usuários dos chats é se aproximar de amigos ou familiares que moram longe, conhecer novas pessoas, conversar sobre o que não conversariam pessoalmente. Hoje as conversas evoluíram: podemos enviar vídeos, localizações, fotos e muitas outras coisas através de aplicativos como o Whatsapp.



Fonte: 2Dreamstime

CHECK IN

[tché in]

Substantivo Masculino | Singular

1. Nos aeroportos, local onde o passageiro apresenta o bilhete e despacha as bagagens.

“Esqueci de fazer o check in e perdi o vôo.”

2. Registro de hóspede na chegada do hotel.

“Preciso fazer o check in no hotel para pegar a chave do quarto.”

Essa expressão, em português, significa “dar entrada”, “apresentar-se”. Em uma viagem, se formos de avião, é necessário fazer o check in antes do embarque, caso contrário não poderemos viajar. Nele apresentamos nossos documentos pessoais e passagens. O mesmo acontece nos hotéis, na recepção.

CHECK UP

[tchéc âp]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Check ups)

Exame médico geral.

“Todo semestre minha mãe faz um check up.”

Há pessoas que fazem check up todos os anos. Fazem exames, consultam médicos, veem se está tudo bem com a sua saúde. Há aquelas que, por terem tido alguma doença mais grave, precisam se cuidar ainda mais e realizam esses exames com mais frequência.

CRUSH

[crâsh]

Substantivo feminino/masculino | Singular/Plural (Crushes)

Paquera, “paixonite”, namorado(a).

“Estou seguindo o meu crush no Instagram.”

Utilizada no Brasil há pouco tempo, “crush” refere-se àquela pessoa que você gosta, que é uma paquera, que você está afim. É aquela paixão passageira, que pode se transformar em namoro ou não.

DIET

[dáiet]

Adjetivo invariável | Singular

Qualquer alimento isento de um ou mais ingredientes da fórmula original, destinado a pessoas com restrição a algum tipo de substância, sendo portanto permitido em dieta para diabéticos (alguns produtos diet mesmo não contendo açúcar são calóricos, como o chocolate diet).

“Meus pais só tomam refrigerante diet.”

Vivemos em uma sociedade que se preocupa cada vez mais com a aparência. Há sempre uma dieta nova, um produto sem açúcar, sem conservantes, sem lactose, sem glúten. Os produtos diet foram criados não só para pessoas que querem se manter em forma; também são consumidos por pessoas com restrições alimentares. Vale lembrar que nem todo produto diet é saudável e com poucas calorias.

FASHION

[féchion]

Adjetivo invariável | Singular

Relativo a moda; que está na moda, que segue a moda, moderno.

“Esse vestido não é fashion.”

Considerado uma gíria, “fashion” é tudo aquilo que está em alta, que está na moda. Uma pessoa fashion é aquela que se veste bem, que é descolada, que conhece as tendências.



Fonte: 3Dreamstime

FAST FOOD

[fést fud]

Substantivo Masculino | Singular

1. Tipo de refeição rápida, servida em lanchonetes.



“Pedi um fast food pelo aplicativo.”

2.Lanchonete que serve esse tipo de refeição.

“Quando estou com pressa, almoço em algum fast food”.

Encontradas com mais frequência em grandes centros urbanos, as lanchonetes e restaurantes “fast food” têm ganhado cada vez mais fãs. Isso porque ajudam as pessoas a aproveitarem melhor o tempo, pois a comida é feita de forma rápida e prática.

FEEDBACK

[fidbéc]

Substantivo masculino | Singular

É o retorno à alguém a respeito de algo que foi feito, que pode ser positivo ou negativo.

“É muito importante receber o feedback dos nossos clientes.”

Toda ação gera uma reação, certo? Quando você realiza algo ou quando alguma coisa acontece, há uma reação das pessoas em relação a isso. Esse retorno é o feedback. Geralmente, as empresas pedem que seus clientes deem esse feedback para que elas reavaliem os seus serviços e vejam o que precisam melhorar. É justamente para isso que ele serve: melhorar o desempenho de alguém ou alguma empresa/instituição.

FIT

[fit]

Substantivo masculino | Singular

Qualquer alimento considerado saudável, rico em vitaminas e minerais, pouco calóricos, utilizados por pessoas que praticam atividades físicas e/ou têm restrições alimentares.

“Coma este biscoito sem culpa! Ele é fit.”

Na era do corpo em forma, as pessoas têm buscado alternativas para se alimentarem sem atrapalhar os seus resultados na academia. Os alimentos fit foram criados para satisfazer as necessidades de quem quer comer algo saboroso e nutritivo, mas não muito calórico.

FLASH

[fléche]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Flashes)

1.Lâmpada que produz clarão breve e intenso, que permite a realização de fotografia quando não há luz suficiente.

“Ligue o flash do seu celular!”

2.Informação importante dada de forma breve, com prioridade sobre a programação da emissora que transmite.

“Hoje só passaram os flashes da reportagem.”

3.Cena ou lembrança entrecortada e descontínua.

“Vamos exibir amanhã os principais flashes da reunião.”

Como você pode ver, há mais de um significado para o anglicismo *flash*. O primeiro tem a ver com as câmeras fotográficas, que podem ser profissionais ou não, aparelhos celulares e os flashes separados que são colocados nas câmeras profissionais. Sim, há aparelhos de flash que se encaixam nas câmeras e há câmeras que já vêm com o flash, assim como os celulares. Flash também pode ser uma informação que aparece de forma rápida na televisão. Sabe quando o apresentador faz aquele resumo do que será tratado no programa? É isso. E quando nos lembramos de pequenos trechos de momentos específicos ou vemos só uma parte rápida de alguma cena, também chamamos de flashes.

HASHTAG

[reshtég]

Substantivo feminino | Singular/Plural (Hashtags)

Representado pelo jogo da velha (#), permite ao usuário de redes sociais pesquisar postagens com temas semelhantes.

“Utilizei a #bomdia e encontrei muitas fotos interessantes!”

Esse símbolo está na moda, não é? A utilização de hashtags não só divulga postagens semelhantes, facilitando a pesquisa para o usuário, mas também ajuda os influenciadores digitais a serem vistos pela comunidade online.



Fonte: 5Dreamstime

HOME THEATER

[rom tiater]

Locução substantiva | Gênero masculino | Singular/Plural (Home Theaters)

- Combinação de aparelhos de TV, vídeo, DVD e som, que permite a exibição de filmes na sala de casa. Seu objetivo é criar, em casa, um ambiente semelhante ao do cinema.

“Adoro quando vou à casa do meu amigo. Ele tem um home theater enorme!”

Assistir a um filme, por exemplo, antes da invenção da televisão só era possível no cinema. Depois de um tempo, as TVs foram melhoradas: no começo eram uma grande caixa que só tinha tela em preto e branco; depois foram criadas as coloridas, menores e que todo mundo queria ter em casa. Afinal, quem nunca quis um cinema em casa, não é? É um sonho!

Muitos produtos foram inventados depois disso, dentre eles o home theater, que traz ao consumidor a qualidade de som e vídeo do cinema, no conforto do seu lar. Filmes, seriados e programas de televisão são assistidos com muito mais emoção com esse aparelhinho aí!

INSIGHT

[insait]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Insights)

1. Ato de perceber, de maneira súbita, a solução de um problema; iluminação súbita; ideia luminosa; clareza; estalo.

“Teve um insight para um final surpreendente de seu livro.”

2. Capacidade de uma pessoa para reconhecer o próprio inconsciente (psicologia).

“Acabei de ter um insight!”

Sabe aquela ideia que surge do nada? Isso é insight. Uma luz no fim do túnel, algo que você não tinha percebido até então e, de repente, surge na sua mente.

INTERNET

[internet]

Substantivo masculino | Singular

Rede internacional de computadores que, por meio de diferentes tecnologias de comunicação e informática, permite a realização de atividades como correio eletrônico, grupos de discussão, transferência de arquivos, lazer, compras, etc.

“Nem imagino como era o mundo sem o acesso à internet.”

A internet revolucionou a vida das pessoas. Você já parou para pensar como ela facilita o nosso dia a dia? Aproxima pessoas, não importa onde morem. Agiliza processos, vende produtos, dá informações. Não há como negar a sua importância.

KIT

[quit]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Kits)

Conjunto de objetos colocados na mesma embalagem e que guardam uma relação entre si ou têm um objetivo comum: kit de maquiagem, kit de primeiros socorros.

“Leve seu kit de maquiagem!”



Fonte: 66Dreamstime

Você já deve ter visto um kit de material escolar, de jogos, de algo que te deixou com muita vontade de comprar. As pessoas inventam kits para tudo, para que, assim, o consumidor tenha vários produtos para uma só finalidade.

LINK

[linc]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Links)

Palavra ou ícone que conecta um ponto a outro em documentos e sites. É identificado na interface com o usuário por um ícone que, ao ser clicado, possibilita a ativação do objeto que se quer acessar.

“Não clique em nenhum link de mensagens suspeitas, pois ele pode acionar um programa de vírus.”

Para que você acesse um site, o link é essencial. Se houver internet, ele possibilita a navegação. O que muita gente não sabe é que link é a forma reduzida de *hiperlink*.

LOGIN

[loguín]

Substantivo masculino | Singular

Na internet é um processo de conexão a uma rede que inclui a identificação e o controle da senha do usuário.

“Não estou conseguindo fazer login no Facebook.”

Se você faz parte de alguma rede social, com certeza precisa fazer login para acessá-la. Ele serve para a segurança do próprio usuário, além da identificação do mesmo, para que, assim, ninguém invada a sua conta. O nome de usuário e a senha são escolhidos pelo próprio usuário e podem ser mudados quando houver necessidade.

LOOK

[luk]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Looks)

Roupa, vestuário, aparência.

“Eu sempre tiro uma foto do meu look do dia.”

Diferentemente da tradução literal “olhar”, a palavra look, nesse sentido, quer dizer o que você veste, como você se apresenta esteticamente. Nas redes sociais, há pessoas que influenciam os usuários através de postagens de looks, a fim de divulgarem alguma marca ou loja. Não é só uma postagem de roupa e sapato, há todo um marketing por trás disso, uma estratégia de vendas. Por fim, acabamos utilizando essa expressão para elogiar a roupa do(a) amigo(a), comprar algo em uma loja e se referir a algo relacionado à moda.

MAKE UP

[meik áp]

Substantivo feminino | Singular

Maquiagem, produtos de maquiagem.

“Comprei muitos produtos de make!”



Fonte: 7Dreamstime

As pessoas se preocupam cada vez mais com a estética e a cada ano novos produtos são criados para atrair os consumidores. Make up, além de ser usada para designar-se à produtos de maquiagem em geral, também se refere à maquiagem elaborada no rosto da pessoa, sendo também abreviada a “make”.

MOUSE

[máuz]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Mouses)



Fonte: 8Dreamstime

Acessório ligado ao computador, com ou sem fio, provido de um ou mais botões e com formato que se encaixa na palma da mão, usado para controlar o cursor na tela do monitor,

permitindo ao usuário selecionar opções e clicar em ícones, links, menus, etc. Ele é movimentado em uma superfície plana.

“Não consigo usar o notebook sem o mouse.”

Sabe aquela seta usada para te direcionar na tela do computador? Você precisa do mouse para manuseá-la. Nos notebooks, o mouse fica no teclado e também é chamado de *Touchpad* ou *trackpad*; há pessoas que, mesmo tendo esse acessório no notebook, preferem utilizar o mouse, que pode ser inserido através de uma entrada USB facilmente. Chamamos de “pé de mouse” aquele pequeno tapete ou esteira de borracha, que serve como superfície para apoiarmos o mouse. Detalhe: mouse, em português, significa “rato”.

SHOPPING

[chopin cênter]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Shopping Centers)

Grande centro comercial que abriga lojas, restaurantes, bares, cinemas, consultórios, escritórios, etc.

“Amo passar o dia no shopping!”

Shopping, em português, quer dizer “compras”. Esse grande centro de compras, que tem em todas as capitais e grandes cidades, é repleto de lojas, geralmente é climatizado, tem praça de alimentação, cinema e estacionamento. Nele estão lojas conhecidas em todo o país, assim como grandes marcas.

SMARTPHONE

[smartfone]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Smartphones)



Fonte: 10Freepik Company

Celular inteligente com tela sensível ao toque, que traz uma tecnologia que vai muito além de fazer e receber ligações; possui um sistema operacional complexo.

“Costumo acessar meu e-mail no meu smartphone.”

Os celulares foram evoluindo ao longo dos anos. Antes tínhamos aqueles chamados “tijolos”, pesados, com a tela amarelada e que apenas serviam para ligar e receber chamadas. Depois inventaram a bateria “vibracall” (antes os celulares não vibravam), as telas coloridas, os vários modelos de escorregar e de abrir o flip, as câmeras. Os smartphones são celulares cuja tela é touchscreen, ou seja, conseguimos manuseá-lo tocando na tela. Hoje podemos acessar nele as redes sociais, e-mails, sites diversos, além de aplicativos, câmeras de excelente qualidade, músicas, vídeos, dentre outros.

SHOW

[chôu]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Shows)

1. Espetáculo de música, variedades, etc., apresentado em teatros ou locais públicos.

“Meu sonho é ir ao show da Beyoncé.”

2. (Informal) Dar um show, ter um excelente desempenho, sair-se muito bem, destacar-se.

“Ele deu um show na apresentação de ontem.”

Não utilizamos outra palavra para substituir “show” neste mesmo contexto. Se disséssemos que vamos à uma apresentação de um cantor famoso, não teria o mesmo sentido. Informalmente, utilizamos essa expressão para elogiar alguém que se saiu muito bem em alguma coisa, que conseguiu se destacar.

SPAM

[spam]

Substantivo masculino | Singular/Plural (Spams)

Mensagem eletrônica não solicitada, enviada a uma grande quantidade de pessoas de uma vez. Geralmente contém propaganda comercial ou vírus de computador.

“Detesto quando me enviam spam no e-mail.”

Todo mundo aproveita a internet para fazer propaganda. Mas quando isso é feito em excesso ou sem o consentimento de quem vai receber a mensagem, é desagradável. Os spams são esse tipo de mensagem eletrônica, que geralmente são enviadas por e-mail. Por isso existe a caixa de spam, para que esses e-mails “sem noção” e insistentes fiquem separados dos outros, considerados importantes.

STYLE

[stáiel]

Adjetivo invariável | Singular

Pessoa muito estilosa, que tem um estilo próprio. Quem segue as tendências de moda.

“Sua irmã é muito style!”

Também considerada uma gíria, “style” é um grande elogio! Quem se veste bem, não tem medo de ousar, de ser autêntico, é uma pessoa style.



Fonte: 11Dreamstime

TOP MODEL

[tóp módel]

Adjetivo invariável | Singular

Modelo famosa, ou alguém que chama a atenção fisicamente. Pessoa que tem postura e aparência de modelo.

“Ela só quer ser a top model!”

Ser modelo é o sonho de muitos adolescentes, principalmente meninas. Apesar de sabermos que existe a profissão de modelo, utilizamos essa expressão também informalmente para nos referir a pessoas que têm características de modelo. A palavra “top” é muito utilizada no Brasil, designando algo que é excelente, muito bom, diferenciado.

**CONCEITOS BÁSICOS DOS TERMOS GRAMATICAIS MENCIONADOS NO
GLOSSÁRIO**

SUBSTANTIVO: são palavras que dão nome aos seres (reais ou imaginários).

LOCUÇÃO SUBSTANTIVA: é o conjunto de duas ou mais palavras que têm a função de substantivo.

ADJETIVO: é a palavra que dá características ao substantivo.

VARIAÇÃO DE GÊNERO: ocorre quando a palavra pode ser expressa tanto na forma masculina quanto na feminina.

VARIAÇÃO DE NÚMERO: ocorre quando a palavra pode ser utilizada no singular e no plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a presente pesquisa, procuramos levantar informações a respeito dos anglicismos que fazem parte ou não do léxico da turma pesquisada, além de elaborar o que consideramos um protótipo de Glossário Ilustrado de Anglicismos, a fim de contribuir para o ensino do léxico e para o desenvolvimento da aprendizagem, especialmente na leitura e produção textual, utilizando o dicionário como instrumento nesse processo.

Nessa perspectiva, executamos uma sequência de atividades produzidas a partir de textos jornalísticos, os quais são sempre atualizados, assim como as redes sociais e tudo o que se refere à internet. Entendemos que a língua inglesa está presente em todos os canais de comunicação, em nossos centros comerciais, na mídia e também nas instituições escolares. Dentre tantos estrangeirismos, os anglicismos têm se destacado, tendo em vista a sua influência no mercado financeiro, na moda, na informática e em tantos outros setores que fazem parte do mundo globalizado em que vivemos.

Em relação à sequência didática, apesar de a planejarmos com base na estrutura de Dolz e Schneuwly (2004), não nos prendemos somente a ajudar os alunos a dominarem melhor um gênero de texto, mas buscamos ampliar o seu léxico. Entendemos, durante o desenvolvimento da pesquisa, que o modelo apresentado pelos autores não se aplica em sua completude ao estudo do vocabulário proposto, tendo em vista que em várias etapas desse processo tivemos que fazer algumas modificações. Utilizamos textos diferentes em quase todos os módulos, elaboramos um mural de anglicismos como a produção inicial e o glossário como produção final, não como produções de textos com base nos gêneros textuais lidos, mas produções cuja base são os anglicismos estudados durante toda a sequência didática, além do conhecimento prévio dos alunos. Além disso, desenvolvemos os módulos com base nos anglicismos dos textos jornalísticos e não somente para trabalhar os problemas que apareceram na produção inicial, como é proposto pelos autores. Acreditamos que tais adaptações deram mais sentido à pesquisa e, especialmente, à produção do glossário, que foi uma amostragem do que ainda pode ser feito para o estudo dos anglicismos nas aulas de língua portuguesa.

As informações levantadas no questionário socioeconômico nos fizeram refletir a respeito da produtividade das atividades desenvolvidas. Sabemos que não ter acesso à internet ou tê-lo esporadicamente torna a realidade virtual distante da realidade dos alunos. Metade da turma não possui smartphones, 20% possui computador em casa e pouco mais da metade tem

acesso à internet em suas casas, o que explica muitas respostas ou falta de respostas das atividades, como foram apresentadas anteriormente. Como dissemos, os anglicismos são mais recorrentes em textos jornalísticos, devido a estes estarem sempre atualizados, e apenas 10% da turma afirmou ler jornais e revistas em geral e 40% lê notícias na internet. Apesar disso, mesmo residindo na zona rural, em sua maioria, alguns alunos têm tido acesso a esses anglicismos e os utilizam; no entanto, o uso dessas palavras e expressões ainda é limitado, o que justifica o fato de que o meio em que vivemos pode interferir diretamente em nossa linguagem. Os estudantes apresentaram dificuldades no uso dos anglicismos porque estes estão relacionados à tecnologia e internet, recursos que, conforme demonstrado nas respostas ao questionário, nem todos têm em suas casas, o que nos mostra que as razões pelas quais a turma apresentou essas dificuldades também são econômicas e sociais.

No que se refere à elaboração do glossário, dos 29 anglicismos que foram selecionados para compor a nomenclatura, 21 não possuem equivalentes em português, a saber: *airbag, check in, check up, diet, fashion, fast food, feedback, fit, flash, hashtag, home theater, insight, internet, kit, link, login, mouse, shopping, smartphone, show, spam*. Já os que possuem equivalentes mas, ao nosso ver, no contexto de uso dos brasileiros apresentam um sentido que não correspondem a esses equivalentes, foram os seguintes: *BFF, brother, chat, crush, look, make up, style e top model*. Acreditamos que o estudo desses anglicismos através do glossário pode auxiliar os alunos a compreenderem melhor os verbetes e a entenderem os seus efeitos de sentido.

Sabemos que o léxico muda constantemente e que esta pesquisa não será suficiente para compreendermos todas as ocorrências dos anglicismos em turmas de ensino fundamental, mas acreditamos que as atividades propostas e o glossário podem contribuir de forma significativa nas aulas de língua portuguesa, para que os professores – e mediadores do conhecimento – tenham êxito no ensino do vocabulário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Filologia e o estudo do léxico. UNEB/UCSAL – 2008.
- AGUIAR, Luciene. Léxico, Polissemia, Humor e Leitura: a pa-lavra nas crônicas: um estudo do léxico nas crônicas de Veríssimo. Salvador: Editora Kalango, 2010.
- ALVES, Ieda Maria. Neologismo: Criação lexical. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ANTUNES, Irlandé. O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula/ Irlandé Antunes. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ARAÚJO, Glauco. Assembleia Legislativa do RS aprova lei que proíbe uso de 'estrangeirismo'. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/assembleia-legislativa-do-rs-aprova-lei-que-proibe-uso-de-estrangeirismo.html> . Acesso em novembro de 2018.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. Estética da criação verbal / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. —São Paulo Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior)
- BASÍLIO, Margarida. Formação e classes de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.
- BIDERMAN, Maria T. C. Léxico e vocabulário fundamental. 32 Alfa, São Paulo, 40: 27-46, 1996.
- BIDERMAN, Maria T. C. Teoria Linguística. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos na língua portuguesa. São Paulo: Cortez, 2009.
- CRUSE, D. A. The Lexicon. The Handbook of Linguistics. Org. Mark Aronoff e Janie Rees-Miller, Balckwell, USA, 2001. Tradução e notas: Braulino Pereira de Santana
- DARGEL, Ana Paula T. P. O ensino do vocabulário nas aulas de Língua Portuguesa: da realidade a um modelo didático. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, p. 26-35, 2011.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. Coleção Expressar-se em francês: Sequências Didáticas para o oral e a Escrita. 2004

DREAMSTIME. 2000-2020. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/>. Acesso em 04/02/2020.

FARACO, Carlos Alberto (org). Estrangeirismos: guerras em torno da língua. São Paulo: Editora Parábola, 2001.

FONTES, Maria do Carmo Martins. Aprendizagem de inglês via internet: descobrindo as potencialidades do meio digital. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

FREEPIK COMPANY. Disponível em: https://www.freepikcompany.com/about_us. Acesso em: 04.02.2020

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos – Desejos e Ameaças. In: Estrangeirismos: guerras em torno da língua. São Paulo: Editora Parábola, 2001.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. Linguística e ensino do português. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GETTY IMAGES. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/>. Acesso em: 04.02.2020

JORDÃO, Clarissa Menezes. A posição de professor de inglês no Brasil: hibridismo, identidade e agência. R. Let & Let. V. 26, n°2, p. 427-442, jul./ dez. 2010.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. Revista Língua e Literatura, Frederico Westphalen, v. 6 e 7, n° 10/11, p. 101-112, 2004/2005

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários escolares e ensino de língua materna. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 41 (1): p. 169-180, jan-abr 2012

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. HIPERTEXTO E GÊNEROS DIGITAIS: Novas formas de construção de sentido. 2.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros Jornalísticos: repensando a questão. Revista Symposium, Ano 5, n°1, janeiro-junho, p. 45-55, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de educação básica. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula / [elaboração Egon Rangel] – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base nacional comum. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>.

Acesso em 22 de janeiro de 2019.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários em sala de aula / elaboração Egon de Oliveira Rangel, Marcos Bagno. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006..

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e Dicionário. Alfa, v. 28, 1989.

SANTOS, Agenor Soares dos. Dicionário de anglicismos e de palavras correntes no português. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SAPIR, Edward. A Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SOUSA, Alexandre Melo de. O uso do dicionário em sala de aula.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 1, p. 31-50,1997.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
Mestranda: Andressa Bezerra Cirqueira Freitas
Orientadora: Dra. Ana Cláudia Castiglioni

Escola: Colégio Estadual Archangela Milhomem
 Município: Couto de Magalhães – TO
 9º ano 02

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO BASEADO NA PROVA DO SAEB (SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA) DE 2018 E ADAPTADO PARA DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA INTITULADA:
OS ANGLICISMOS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO A PARTIR DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Aluno(a):

- | | |
|--|--|
| <p>1. Qual é o seu sexo?
 a) feminino
 b) masculino</p> <p>2. Qual é a sua cor ou raça?
 a) Branca
 b) Preta.
 c) Parda
 d) Amarela
 e) Indígena
 f) Não quero declarar.</p> <p>3. Você poderia nos dizer qual é o mês de seu aniversário?
 a) Janeiro. g) Julho.
 b) Fevereiro. h) Agosto.
 c) Março. i) Setembro.
 d) Abril. j) Outubro.
 e) Maio. k) Novembro.
 f) Junho. l) Dezembro.</p> <p>4. Em que ano você nasceu?
 a) 2005 ou depois. e) 2001.
 b) 2004. f) 2000.
 c) 2003. g) 1999.
 d) 2002. h) 1998 ou antes.</p> <p>5. Na sua casa tem televisão em cores?
 a) Não tem.
 b) Sim, uma.
 c) Sim, duas.
 d) Sim, três.
 e) Sim, quatro ou mais.</p> | <p>6. Na sua casa tem computador?
 a) Não tem.
 b) Sim, um.
 c) Sim, dois.
 d) Sim, três
 e) Sim, quatro ou mais.</p> <p>7. Você tem acesso à internet em casa?
 a) sim b) não</p> <p>8. Incluindo você, quantas pessoas vivem atualmente em sua casa?
 a) Uma, pois moro sozinho(a).
 b) Duas.
 c) Três.
 d) Quatro.
 e) Cinco.
 f) Seis pessoas ou mais</p> <p>9. Você tem smartphone?
 a) sim
 b) não</p> <p>10. Você tem acesso à internet pelo celular?
 a) sim b) não</p> <p>11. Quantas pessoas têm acesso à internet pelo celular na sua casa?
 a) nenhuma
 b) somente eu.
 c) eu e mais uma pessoa.
 d) eu e mais duas pessoas.
 e) eu e mais três pessoas.
 f) todas as pessoas da casa.</p> |
|--|--|

12. Até que série sua mãe, ou a mulher responsável por você, estudou?

- a) Nunca estudou.
- b) Não completou a 4.^a série/5.^o ano do Ensino Fundamental.
- c) Completou a 4.^a série/5.^o ano, mas não completou a 8.^a série/9.^o ano do Ensino Fundamental.
- d) Completou a 8.^a série/9.^o ano do Ensino Fundamental, mas não completou o Ensino Médio.
- e) Completou o Ensino Médio, mas não completou a Faculdade.
- f) Completou a Faculdade.
- g) Não sei

13. Sua mãe, ou a mulher responsável por você, sabe ler e escrever?

- a) Sim.
- b) Não.

14. Você vê sua mãe, ou a mulher responsável por você, lendo?

- a) Sim.
- b) Não

15. Você mora com seu pai?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não, mas moro com outro homem responsável por mim.

16. Até que série seu pai, ou o homem responsável por você, estudou?

- a) Nunca estudou.
- b) Não completou a 4.^a série/5.^o ano do Ensino Fundamental.
- c) Completou a 4.^a série/5.^o ano, mas não completou a 8.^a série/9.^o ano do Ensino Fundamental.
- d) Completou a 8.^a série/9.^o ano do Ensino Fundamental, mas não completou o Ensino Médio.
- e) Completou o Ensino Médio, mas não completou a Faculdade.
- f) Completou a Faculdade.
- g) Não sei.

17. Seu pai, ou o homem responsável por você, sabe ler e escrever?

- a) Sim.
- b) Não.

18. Você vê o seu pai, ou o homem responsável por você, lendo?

- a) Sim.
- b) Não.

19. Com qual frequência seus pais, ou responsáveis por você, vão à reunião de pais?

- a) Sempre ou quase sempre.
- b) De vez em quando.
- c) Nunca ou quase nunca.

20. Seus pais ou responsáveis incentivam você a estudar?

- a) Sim.
- b) Não.

21. Seus pais ou responsáveis incentivam você a fazer o dever de casa e/ou os trabalhos da escola?

- a) Sim.
- b) Não.

22. Seus pais ou responsáveis incentivam você a ler?

- a) Sim.
- b) Não.

23. Seus pais ou responsáveis incentivam você a ir à escola e/ou não faltar às aulas?

- a) Sim.
- b) Não.

24. Seus pais ou responsáveis conversam com você sobre o que acontece na escola?

- a) Sim.
- b) Não.

Com qual frequência você lê:	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
Jornais			
Livros em geral			
Livros de literatura			
Revistas em geral			
Revistas em quadrinhos (gibis)			
Revistas de comportamento, celebridades, esporte ou TV			
Notícias na internet			

25.

Com qual frequência você costuma ir à/ao:	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
Biblioteca			
Cinema			
Espetáculo ou exposição (teatro, museu, dança ou música)			

26. Em dias de aula, quanto tempo você gasta assistindo à TV, navegando na internet ou jogando jogos eletrônicos?

- a) Menos de 1 hora.
- b) Entre 1 e 2 horas.
- c) Mais de 2 horas, até 3 horas.

- d) Mais de 3 horas.
- e) Não vejo TV, não navego na internet e não jogo jogos eletrônicos.

27. Você utiliza a biblioteca ou sala de leitura da sua escola?

- a) Sempre ou quase sempre.
- b) De vez em quando.
- c) Nunca ou quase nunca.
- d) A escola não possui biblioteca ou sala de leitura.